

DALVA FELIPE DE OLIVEIRA

MULHER, TRABALHO E VIDA NO CAMPO:

Um estudo junto às mulheres da comunidade rural do Ligeiro-Cariri Paraibano.

**Dissertação apresentada ao curso de
Mestrado na Universidade Federal da
Paraíba em cumprimento às exigências para
obtenção do Grau de Mestre.**

Área de concentração: Sociologia Rural.

Orientadora: Prof^ª Maria Cristina de Melo Marin

Campina Grande - 1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

MULHER, TRABALHO E VIDA NO CAMPO:

Um estudo junto às mulheres da comunidade rural do Ligeiro-Cariri Paraibano.

DIGITALIZAÇÃO:

SISTEMOTECA - UFCG

Dalva Felipe de Oliveira

Orientadora: Prof^a Maria Cristina de Melo Marin

COMISSÃO EXAMINADORA:

CAMPINA GRANDE, _____ DE _____ DE 1996.

Ao meu pai, Jorge Arruda, que, no percurso
dessa caminhada, foi para o andar de cima.

E à minha mãe, Valdina, que, com carinho,
consolou-me nas horas mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Uma dissertação é um trabalho solitário. Todavia, para que essa fosse realizada, muitas mentes me auxiliaram nesse caminhar.

Mesmo correndo o risco de esquecer alguém, quero agradecer, especialmente:

A Maria Cristina de Melo Marin, minha Orientadora, Cristina contribuiu com sua fertilidade de idéias, sempre preocupada com a inovação e a qualidade deste trabalho. Sua presença serena contribuiu muito para minimizar a ansiedade desse momento.

A Ghislaine Duqué, que me fez descobrir o Ligeiro como objeto de pesquisa.

Aos moradores do Ligeiro, que foram os principais atores dessa dissertação. E, em especial, a Chica e a Raminho pela acolhida calorosa em sua casa.

Às amigas, Silvana Eloísa e Eliane Sanchez, presença forte nos momentos mais difíceis de minha caminhada.

A Elizabeth Cristina que, indiretamente, contribuiu para a escolha do objeto desta pesquisa.

A meus pais pelo apoio e dedicação.

A meus irmãos, Iolanda, Wellington e Eliete, que lutaram e vibraram comigo.

A Maria José de Pinho, Marillene de Sousa e Leontina Ferreira pelo estímulo constante e fundamental de uma convivência sadia de trabalho.

A Hermes Pereira Lima, meu procurador junto à Universidade do Tocantins.

À equipe do S.O.S. - corpo de Recife pela paciência em me conceder textos tão importantes.

À CAPES, pela bolsa concedida.

A Vera e João, funcionários tão solícitos e preocupados com os meus interesses.

A todos os professores do Curso de Mestrado em Sociologia, que contribuíram com meu aprimoramento intelectual, meu agradecimento final.

"Por que existe a crença generalizada de que 'os movimentos têm desaparecido' e por que os últimos quarenta anos foram um período em que nada aconteceu? Talvez seja devido ao fato de estarmos muito acostumados com a história política. Mas, antes de mais nada, a História é social e cultural; refere-se à vida diária dos homens e mulheres."

Agnes Heller

SUMÁRIO

RESUMO	8
APRESENTAÇÃO.....	10
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	14
1.1- Algumas questões teóricas.....	15
1.2- Gênero e Trabalho	22
CAPÍTULO II - METODOLOGIA E TÉCNICA DE PESQUISA.....	30
2.1 - Algumas reflexões teóricas sobre o cotidiano	31
2.2 - Cotidiano e representações	41
2.3 - A família	48
2.3.1 - Formação das famílias	53
2.4 - A pesquisa.....	59
2.4.1 - A comunidade	65
2.4.2 - A seleção das mulheres	67
2.4.3 - Tratamento dos dados	68
CAPÍTULO III - O COTIDIANO DAS MULHERES	70
3.1 - O cotidiano das mulheres.....	71
3.2 - Todo dia é a mesma coisa	72
CAPÍTULO IV - TRABALHO DE MULHER É AQUELE REPISADO.....	79
4.1 - Mulher e o roçado	80
4.2 - Mulher e a criação	101
4.3 - Mulher e a indústria doméstica	106
4.3.1 - Fabricação de queijos	106
4.3.2 - A cerâmica	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
BIBLIOGRAFIA.....	118
ANEXOS.....	127
I - Mapa do Cariri Paraibano.....	128
II - Mapa da localização do grupo estudado.....	129

RESUMO

O trabalho executado pelas mulheres, tomando como referência a casa e o roçado ou as atividades a elas relacionadas, constitui o objeto central desta dissertação.

Procurei detectar os condicionamentos que influenciam o processo de diferenciação social entre os sexos, essencialmente quando se refere ao trabalho executado por essas mulheres, tanto no âmbito da casa como no âmbito do roçado. Com a representação do trabalho de casa como trabalho de mulher, busquei apreender os mecanismos que condicionam a atribuição "natural" das tarefas domésticas ao sexo feminino.

Na parte empírica do trabalho, adotei uma abordagem qualitativa de pesquisa. Assim, foram entrevistadas e observadas 35 mulheres da comunidade rural do Ligeiro - Cariri Paraibano - detendo-me nos aspectos que se referem ao seu trabalho, à sua vida cotidiana na unidade doméstica.

Neste estudo, tentei analisar a imbricação do trabalho doméstico com o trabalho exercido pelas mulheres no roçado. Pois, parti da hipótese que, entre esses espaços, há uma relação de complementaridade, embora reconheça o peso do trabalho doméstico, que se traduz na responsabilidade pela socialização dos filhos e da manutenção da unidade doméstica.

Pretendi, a partir dessa análise, apreender as representações que as mulheres têm sobre o trabalho, levando em consideração os fatores que as levam a considerá-lo apenas uma ajuda. Procurei saber quais as vantagens e desvantagens de trabalhar em casa, que explicações elaboram para o seu cotidiano e como ele se traduz.

ABSTRACT

The work done by women, taking in reference the home and the farm work, or the activities in relation to them, make up the central object of this report.

I tried to detect the conditions that influenced the process of social differentiation between the sexes, especially when we refer to the work done by these women, wheter in the ambiance of the home or in the ambiance of the rural life. With the representation of work in the home, as work of the woman, I went out to learn the mechanics that conditioned the natural attribution of the domestic job of the female sex.

In the part practical of the report, I adapted a qualitative approach of reserch. Therefore, 35 women were interviewed and observed in the rural community of *Ligeiro-Cariri, Paraíba*; telling me the aspects that refer to their work, to their daily lives in the domestic unit.

In this study, I tried to analyse the relation of the domestic work with the work done by the women on the farm. Then I came to the hypothesis that, between these points there is a complementary relation ship, although I realize the weight of the domestic work, that means in responsibility of socializing the children and of maintaining the domestic unit.

I pretended, from the time of this analysis, to learn the complaints that the women have about the work, taking in consideration the facts that they consider themselves of being only a help. I tried to understand which of the advantages and disadvantages of the work at home; what explanations they made for their daily lives and how it is interpreted.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi inspirado nos estudos que vêm sendo desenvolvidos, há alguns anos, sobre a mulher e que apontam, conseqüentemente, para um desvendamento da sua participação efetiva na organização da unidade doméstica. Nesse sentido, busquei descortinar o que se consubstanciou na identificação dos espaços ocupados por essas mulheres, tanto na casa como no roçado, haja vista que considereei esses espaços num processo de integração.

Torna-se necessário ressaltar que as atividades femininas não se limitam à esfera doméstica, pois também participam do trabalho produtivo, uma vez que não existe trabalho na agricultura que a mulher não realize, mesmo que esporadicamente. Porém, seu trabalho nessa atividade é visto apenas como um prolongamento da atividade doméstica e, por isso, não é percebido como tal. Quando as mulheres ajudam os homens na obtenção do produto necessário à subsistência da unidade, seu trabalho é sempre percebido como uma ajuda para a situação difícil em que está a unidade doméstica. Nos casos em que a unidade doméstica não possui a propriedade da terra ou o controle da produção, a situação conduz a um assalariamento dos homens e das mulheres. Entretanto, as diárias da mulher, em qualquer atividade ou onde quer que esteja inserida, é sempre inferior, mesmo desenvolvendo a mesma tarefa que o homem. Assim, a contribuição da mulher na renda familiar, por mais que trabalhe, nunca é igual quantitativamente à do homem.

Dessa forma, fazendo parte da família de produtores - sob quaisquer condições - a mulher congrega-se aos trabalhos do campo, quer como mão-de-obra familiar, quer

vendendo sua força de trabalho para outra unidade doméstica. Sem esquecer a sua importância para o aumento da força de trabalho que se consubstancia através da reprodução dos filhos.

A preocupação de estudar as formas de trabalho e vida das mulheres, na região do Cariri Paraibano, decorre da necessidade de compreender a participação dessas mulheres nas suas relações com a terra, com os meios de trabalho e com a família. Somente a partir dessas, relações será possível desvendar as relações assimétricas existentes entre homens e mulheres. Entende-se, também, que é, a partir dessa assimetria, que se articulam e se reforçam os papéis que cabem aos membros do grupo.

Por outro lado, supõe-se que os problemas comumente vivenciados pelas mulheres são decorrentes das tradições conservadoras oriundas do patriarcado, que idealizou um modelo de mulher e de homem para a sociedade. Por isso, tais modelos podem exercer influência sobre as atividades desempenhadas pelas mulheres, tanto no âmbito público como no âmbito privado. Diante desses problemas, torna-se interessante estudar a mulher em sua totalidade.

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos que passarei a apresentar em linhas gerais.

No primeiro capítulo, pretendo levantar algumas questões teóricas sobre relações de gênero.

No segundo capítulo, procurei discutir alguns conceitos fundamentais das perspectivas teóricas trabalhadas e sua aplicabilidade dentro da realidade concreta estudada.

Ainda nessa parte, abordarei algumas questões sobre a metodologia utilizada e sua pertinência no contexto do presente estudo.

O terceiro capítulo centraliza a análise dos dados e, através dele, tentei mostrar como transcorre o cotidiano das mulheres, tendo a comunidade como espaço vital de existência e sobrevivência cotidiana.

No quarto capítulo, propus-me a retratar as condições em que se realiza a participação da mulheres na unidade doméstica. Inicialmente analisarei sua participação no roçado e criação e, em seguida, tratarei da indústria doméstica, cujo trabalho é exercido exclusivamente por mulheres.

No quinto capítulo, apresentarei as considerações finais que não pretendem ter um caráter conclusivo, mas, apenas, esboçam as possibilidade e dilemas que emergirão deste estudo.

Capítulo I

INTRODUÇÃO

“As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência à hierarquia à disciplina que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre seu uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.”

Michelle Perrot apud Denise BUSSOLETI e Lorena GILL.

1.1 - ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS

Como é sabido, o enfoque no gênero foi desenvolvido originalmente por feministas, que rejeitaram o determinismo biológico, implícito no uso de sexo ou diferença sexual, que levou ao uso do termo gênero.

Recentemente, a palavra "gênero" passa a ser utilizada na literatura feminista, referindo-se à organização social da relação entre os sexos. Tal conceito se constrói como rejeição ao determinismo biológico implícito no uso dos termos "sexo" ou "diferença sexual", utilizados anteriormente, como introduz uma reciprocidade na compreensão das relações entre homens e mulheres, tornando impossível um estudo separado da problemática. (Lorena Almeida GILL e Denise BUSSOLETTI, 1994).

As origens históricas do movimento feminista datam do século XIX, e, somente nos anos setenta, a categoria gênero passou a ser utilizada, inicialmente, pelas historiadoras norte-americanas. De acordo com Joan SCOTT apud Joana Maria PEDRO (1994:41), nessa década, as questões ligadas à construção da história das mulheres apontavam para os impasses criados pela busca da diferença. Esse período, segundo a autora, coincide com a segunda geração do movimento feminista.

Entretanto, segundo Ana MONTENEGRO(1981:30), existe uma dificuldade, que chamariamos "histórica", de precisar a data exata em que a palavra feminismo foi usada pela primeira vez:

“Há notícias de que foi usada no século XIX, quando do surgimento na França de um movimento de mulheres, nos 1830-1840. Segundo dados da época, apesar de aquele movimento ter tido suas origens nas transformações econômicas ocorridas naquele período, não incluía em seu programa nem as lutas pela melhoria das condições de vida das mulheres proletárias, nem tampouco as lutas pelos direitos políticos da mulher em geral.”

Entretanto B. ISSAEW (1984:153) esclarece que a luta entre os sexos adquire, nos fins do século XIX, a forma de um conflito aberto de caráter político. Surge um movimento feminino, com um programa bem definido: igualdade de direitos na família, participação em todos os âmbitos da economia e da cultura e, finalmente, o direito eleitoral. Essa luta foi levada a cabo por uma vanguarda feminina, entretanto, segundo o autor, grande parte das esposas mães continuavam reclusas em seus lugares, resistindo à necessidade da transformação interna que as mais avançadas acabam de absorver.

Ainda conforme Ana MONTENEGRO(1981: 30):

“a palavra feminismo reapareceria em 1892, quando da realização de um congresso feminista. No centro de seus temas estavam (sic) as lutas pelos direitos políticos, especialmente o voto. Para Simone de Beauvoir, foi naquele congresso que surgiu o nome do movimento.”

Para Rosiska Darcy de Oliveira (1993:71),

“ao adotar essa postura afirmativa de novos valores, o movimento feminista passa a desempenhar o papel que Serge Moscovici chamaria minoria ativa. As minorias ativas são grupos desviantes, desafiadores do senso comum, capazes de provocar, pela firmeza e viabilidade de suas posições, transformações das normas e relações sociais.”

De acordo com a autora, o movimento feminista permitiu às mulheres tecerem um novo desenho na trama do social. Dessa forma, os desvios não constituem uma disfunção parcial e transitória que deve ser corrigida, mas um processo fundamental das sociedades. E *“na verdade, só através dessa recusa assumida pelos desviantes, de agir conforme o código dominante, é que pode ocorrer a transformação das normas e comportamentos vigentes”*. (Rosiska Darcy de OLIVEIRA, 1993:72).

Esse triunfo do princípio da igualdade de direito para ambos os sexos se fará sentir com as todas suas conseqüências apenas no processo de transformação interna da mulher, que está em marcha, e, sem dúvida, trata-se de um processo lento, pois o que se produz não é uma simples penetração de idéias na mente feminina, mas uma reestruturação completa de seu eu.

Todavia, com o intuito de diminuir as dificuldades para a sua conceituações, consideramos o feminismo um movimento que eclode no final da década de 1960, nos países: Estados Unidos, França, Alemanha, Itália e Inglaterra. E, somente na década de 70, é que a temática mulher e, posteriormente, gênero torna-se presente no continente latino-americano, condicionada por uma prática e um conhecimento provenientes dos países acima referidos. (Sonia MONTECINO, 1992:19).

Esse primeiro momento se caracterizou pela luta pela igualdade de direitos, já que a Mulher, como categoria universal, foi um campo favorável para aproximar em uma

sintaxe que explica a subordinação e a conseqüente negação da mulher como elemento constitutivo de todas as sociedades. Para Marta Suplicy (1992:14), esse momento é, provavelmente, fruto da ideologia patriarcal introjetada e da identificação com o opressor, tentava provar que a mulher pode ser igual ao homem, repudiava o sem-valor do feminino e vivia o masculino como o superior a ser almejado e copiado.

Já no final do anos 70 e início dos anos 80, o movimento foi direcionando à conquista da especificidade do feminino e, conseqüentemente, passa a perceber a diferença como enriquecedora da cultura. A *“partir daí que a história das mulheres passou a focalizar os relacionamentos entre homens e mulheres, e de como o gênero era construído.”* (Joan SCOTT apud Joana Maria PEDRO, 1994:41)

Mary Castro GARCIA (1991) ressalta a necessidade da formação de uma *“consciência de gênero”* uma *“dessocialização quanto a estereótipos, para que a mulher possa vir a ser sujeito da mudança de sua situação como gênero, o que passa diretamente pela prática de cada classe”*.

Falar em gênero é falar da relação social entre homens e mulheres, uma relação à qual as mulheres estão sistematicamente subordinadas. Entretanto, na própria acepção da palavra, gênero significa as desinências diferenciadas para designar indivíduos de sexos diferentes, ou ainda, coisas sexuadas. (LAROUSSE, tomo III:756). Todavia, essa acepção tomou novas direções, como exemplifica Maria Luiza HEILBORN (1991:26), *“e significa aqui a distinção entre atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão (sic) biológica dos seres humanos...”* Entretanto, a autora mostra que o conceito de sistema de sexo-gênero desenvolvido pelas antropólogas feminista, tem o objetivo de demarcar os dois níveis diferenciais que a condição sexual comporta.

Para Maria Luiza HEILBORN (1991:26), o termo parece ter algo de redundante, entretanto aponta para a necessária disjunção entre os planos de análise. E, na

verdade, em se tratando de cultura, a dimensão biológica fica bastante obscurecida na medida em que é própria da condição dos humanos a capacitação cultural como essencial à sobrevivência.

Heleieth SAFFIOTTI (1992, 1994) acrescenta, que operar com o conceito de relações de gênero, é conceber o próprio termo gênero como algo que se constrói através das relações sociais. Nesse sentido, deve-se buscar entender as diferenças entre homens e mulheres como fruto de uma convivência social mediada pela cultura.

Os enfoques centrados no gênero preocupam pela construção social das relações que são marcadas pelas diferenças entre homens e mulheres na sociedade e que foram construídas por determinantes ideológicos, históricos, religiosos, étnicos, econômicos e culturais. Isso nos mostra as similitudes e diferenças nas distintas sociedades, à medida que essa construção social é sempre temporal e especialmente específica.

Nesse sentido, “ *a distinção de gênero é universal, as categorias de gênero são sempre culturalmente determinadas*”. (*Maria Luiza HEILBORN, 1991:29*). Isso significa que o Gênero é uma categoria sócio-cultural e tem expressões diversas de acordo com os padrões de relações sociais que cada sociedade e cultura apresentam em um momento histórico determinado.

¹⁵⁻¹⁶
Bila SORJ (1992:16-17) acrescenta que a categoria gênero envolve pelo menos duas dimensões.

“A primeira compreende a idéia que o equipamento biológico sexual inato não dá conta da explicação do comportamento diferenciado masculino e feminino observado na sociedade. Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social, apreendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações. E, segundo, envolve a noção de que o poder é distribuído de maneira desigual entre os sexos, cabendo às mulheres uma posição subalterna na organização da vida social.”

Por outro lado, Pilar CAMPAÑA ressalta (1992) que o fato de que toda sociedade e cultura está continuamente em processo de mudança, significa que o caráter do gênero está também em processo de transformação contínua.

Portanto, o fato de que a mulher tem maiores atividades relacionadas à reprodução biológica, é um fator de ordem natural-fisiológica. Mas, daí tirar conclusões de que a mulher só pode exercer os denominados "papéis femininos", foi algo instituídos pela sociedade e, portanto, é passível de mudanças.

Quando se fala do feminino e do masculino, torna-se necessário ressaltar que ambos podem se relacionar, apesar de os conceitos terem significados distintos, que são os conceitos de "sexo" e "gênero". O primeiro refere-se ao âmbito da biologia, e, por conseguinte, quando se fala de sexo masculino ou feminino, está se referindo aos indivíduos com características fisiológicas e anatômicas diferentes e específicas de cada um deles.

Por isso mesmo, o sexo não é susceptível de mudança. Ao contrário do gênero que, por ser uma categoria sócio-cultural, é susceptível de transformação, haja vista que as suas características dependem das relações sociais que os indivíduos estabelecem em uma sociedade dada e em um momento histórico específico.

A necessidade de estabelecer essa diferença entre sexo e gênero, permite-nos perceber, com maior clareza, o papel atribuído às mulheres na sociedade.

Essa percepção ideológica sobre o que pode ou não fazer a mulher, confunde-se com o que realmente corresponde às suas características físico-biológicas. Portanto, para se ter maior clareza, há que se entender que com o sexo se nasce, no entanto o gênero se apreende através do processo de socialização.

Essa tendência a considerar-se determinadas atividades como "tipicamente femininas", decorre da posição definida pelo "modelo tradicional de divisão sexual do trabalho". Esse modelo estipula que o trabalho remunerado é função do marido, cabendo à mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico e pelas crianças. (Eunice DURHAM, 1983).

A referida autora chama atenção para o papel da cultura ao assinalar que a construção cultural da divisão sexual do trabalho se elabora sobre as diferenças biológicas. Entretanto, isso não quer afirmar *" que haja uma explicação 'natural' para a distinção entre papéis masculinos e femininos, mas que, nesse particular, a cultura organiza, modifica, ressalta ou suprime características que possuem fundamentação biológica."*(Eunice DURHAM, 1987:17).

Assim, admitindo-se que os aspectos gerais da divisão sexual do trabalho constituem, provavelmente, elaborações culturais de características presentes no desenvolvimento da espécie antes do próprio desenvolvimento da cultura, é necessário analisar um pouco mais a amplitude das modificações e elaborações culturais que se erigiram sobre essas bases. A autora ressalta que o próprio

"... fato de a tarefa reprodutiva ser atribuída basicamente às mães não pode ser visto apenas como imposição masculina, mas constitui uma elaboração cultural que se constrói sobre tendências e características que a espécie humana compartilha com outros mamíferos e que são bem pronunciadas nos antropóides, nossos parentes mais próximos - a dependência prolongada das crias em relação às mães."(Eunice DURHAM, 1983:17).

Esse caráter cultural que atribui determinadas tarefas às mulheres, como trançar, tecer, fabricar cerâmica, pode ser definido, em uma sociedade, como tarefas femininas, em outra, como masculinas e, numa terceira, como indiferentes, podendo ser realizadas tanto por um sexo como por outro.

1.2 - Gênero e trabalho

Apesar das transformações pelas quais passaram as sociedades, as atividades domésticas, bem como as várias ocupações com características associadas a ela, continuam restritas às mulheres, por isso são pouco valorizadas, reconhecidas como **não-produtivas**, ou como **ajuda**. Isso ocorre porque se toma como modelo, o trabalho remunerado, regular e contínuo. Esse modelo também se estende às relações não-capitalistas, em que as atividades domésticas não são consideradas trabalho. Haja vista que, para as comunidades rurais, somente o trabalho no roçado é que garante a reprodução social da unidade doméstica enquanto as atividades realizadas pelas mulheres reproduzem as condições sociais de consumo. Além dessas atividades, as mulheres são responsáveis pela reprodução biológica e ideológica da sociedade enquanto o homem encarrega-se do trabalho produtivo.

Para Moema VIEZZER (1989), isso é uma crença ideológica, pois nada impede que as mulheres exerçam as atividades da produção de bens econômicos e da própria reprodução social como um todo, junto com os homens.

Para analisar a participação das mulheres na produção, torna-se necessário diferenciar, primeiramente, os dois tipos de produção aos quais estão vinculadas: as que não recebem nenhuma remuneração em termos monetários, e as que recebem. No primeiro, inclui-se a produção doméstica e a agricultura de subsistência; o segundo refere-se a todas as atividades relacionadas à produção destinada ao mercado capitalista. Nas economias de subsistência, o trabalho doméstico está baseado na produção de bens destinados ao próprio consumo. Enquanto, nas famílias urbanas, o consumo se envolve, cada vez mais, a uma dependência dos bens produzidos fora de casa.

Essa distinção é, essencialmente, relevante para as mulheres rurais dos países do Terceiro Mundo, e sua participação no primeiro tipo de produção é predominante e está

totalmente integrada às atividades relacionadas à reprodução física. (Lourdes BENERIA, 1979:12).

Qualquer análise sobre a condição feminina, inevitavelmente, há de passar pelo papel que a mulher ocupa no processo produtivo, o que, na verdade, significa dizer, pelas formas institucionais que a sociedade encontra para lidar com ele. (Maria Luiza HEILBORN, 1991:29). Por intermédio de certos mecanismos ideológicos, a função feminina, determinada biologicamente, estende-se a outros setores. Assim, o caráter notadamente natural é transferido para outros campos culturalmente destinados ao sexo feminino, obscurecendo-se, desse modo, o índice arbitrário da escolha cultural das modalidades de organização social que a família expressa. Sendo assim,

"... é próprio ao senso comum conceber instituições estáveis da sociedade antes como formas 'naturais' de organização da vida coletiva que como produtos mutáveis da atividade social. No caso da família, entretanto, a naturalização é extremamente reforçada pelo fato desse tratar de uma instituição que diz respeito, privilegiadamente, à regulamentação social de atividades de base nitidamente biológica: o sexo e a produção." (Eunice DURHAM apud Maria Luiza HEILBORN, 1991:29).

Segundo a autora, os homens e as mulheres, como parte integrante da mesma cultura, estão subjugados às mesmas regras sociais, embora com papéis diferenciados, entretanto, a mulher está subjugada, por sua vez, dentro da própria família, na medida em que, na divisão sexual do trabalho, o cuidado com os filhos é sempre destinado a elas.

Isso não quer dizer que haja uma explicação "**natural**" para a distinção entre papéis masculinos e femininos, mas, nesse particular, a cultura organiza, orienta, modifica ou suprime características que possuem fundamentação biológica. Ou seja,

" ... Admitindo-se que os aspectos gerais da divisão sexual do trabalho constituem provavelmente elaboração culturais de características presentes no desenvolvimento da espécie antes do próprio desenvolvimento da cultura, é necessário analisar um

pouco mais a amplitude das elaborações culturais que se erigiram sobre essas bases." (Eunice DURHAM, 1983 :15).

Essa tendência a considerar certas atividade como "preferíveis" ou "tipicamente femininas", decorre de sua posição definida pelo "modelo tradicional de divisão sexual do trabalho". Esse modelo estipula que o trabalho remunerado é função do marido, cabendo à mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico e pelas crianças.(Eunice DURHAM, 1983). A autora enfatiza que o fato de a tarefa reprodutiva ser atribuída basicamente às mães, isso não pode ser percebido apenas como uma imposição masculina, mas se constitui numa elaboração cultural. Dessa forma, a imagem cultural da mulher se constitui em um problema,

"...já que ela constitua na projeção cultural de padrões, aparentemente inflexíveis, de atributos em 'áreas de domínios genéricos'. É dizer, no entanto que historicamente o reconhecimento cultural da mulher está concentrado no cumprimento de tarefas ligadas à reprodução familiar, na socialização dos filhos nas tarefas domésticas. Atualmente se observa uma sublimação e uma sobreeminência de suas funções genéricas como mãe e esposa ." (Diana MEDRANO,1991:29).

Apesar de constatar-se a presença da mulher no âmbito da produção, esse reconhecimento não se projeta na modificação da percepção cultural de seus papéis tradicionais. Pois, os papéis de mãe/esposa têm proporcionado uma forte projeção de estereótipos. Nesse sentido, a divisão tradicional do trabalho outorga aos homens a às mulheres formas diferenciadas de sua inserção, existindo, assim, uma identificação cultural entre as atividades desempenhadas por cada sexo. Dessa forma, em nossa sociedade, a mulher é percebida como a responsável pela reprodução social do grupo familiar. (Lourdes BENERIA,1979; Mercedes OLIVERA, 1979 ; Caroline MOSER,1991; Diana MEDRANO,1991 ; Pilar CAMPAÑA,1992) Em outros termos, é responsável pelo trabalho doméstico e pela reprodução da força de trabalho. Por sua vez ,o homem é responsável pela produção.

Esse estereótipo de homem como trabalhador produtivo predomina na maioria das sociedades de Terceiro Mundo, como explica Caroline MOSER (1991:63)

“...Invariavelmente, quando os homens percebem que têm uma função no interior da família, é o de abastecedor principal de produtos. Isto ocorre ainda em contextos com altas taxas de desemprego masculino onde o trabalho produtivo das mulheres é que realmente abastece a casa.”

Nas áreas rurais, as mulheres têm uma importância relevante na produção, mas isso não quer dizer que ao assumir o trabalho produtivo, desliguem-se das tarefas domésticas e reprodutivas. Essa participação da mulher, na produção, não é homogênea, porque, em todas as situações, existe uma relação muito próxima entre as atividades doméstico-reprodutivas e as produtivas, condicionando-se, ambas, de acordo com a intensidade e dedicação que cada uma delas demanda. Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONI(1992), ao compararem a participação das mulheres casadas e solteiras nos diferentes setores da atividade econômica, enfatizam que, nas atividades industriais, o percentual da participação das mulheres casadas é relativamente baixo se comparado ao das solteiras, entretanto tal fenômeno não ocorre nas atividades agrícolas pois os percentuais de participação de casadas e solteiras pouco se diferenciam.

Isso reflete, em parte, *“a capacidade das unidades de produção familiar de incorporar o trabalho das mulheres da família no período do ciclo de vida no qual as funções da reprodução biológica são mais demandantes.”* (Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONI, 1992:13). Isso pode ocorrer em virtude de o *“regime de trabalho das unidades de produção familiar requerer um trabalhador ou trabalhadora subordinado ao grupo doméstico através do vínculo de parentesco.”*

Por essa razão, nessas unidades de produção familiar, as mulheres casadas, juntamente com seus filhos, podem conciliar o trabalho produtivo ao trabalho da casa.

Todavia, o valor do trabalho das mulheres não tem a mesma equivalência que o dos homens. Embora, que em determinadas ocasiões, assumam todas as atividades, tanto na casa como na produção.

Essa situação de distribuição do tempo das mulheres, entre trabalho produtivo e doméstico, é bastante generalizada entre as mulheres camponesas. Haja vista que, quanto maior for a pobreza da unidade de produção familiar, diminuem-se as horas dedicadas ao espaço doméstico e aumentam-se o tempo dedicado ao trabalho produtivo. Todavia, a percepção das mulheres é que sua atividade mais importante é a que está relacionada ao lar e à família¹. Desse modo, as mulheres se pensam a si mesmas, primeiro, como donas de casa e, segundo, como produtoras ou trabalhadoras. (Pilar CAMPAÑA, 1992:23).

Nos estabelecimentos de caráter familiar, a produção e reprodução encontram-se imbricadas, as tarefas ditas masculinas distinguem-se daquelas consideradas femininas e essa distinção assenta-se em graus de valorização diferenciados: o homem é o chefe, quem pega no pesado, quem distribui o que há por fazer entre os membros da família. Já, a mulher "ajuda", cuida das tarefas leves e tem, no espaço da casa - a reprodução - sua identidade social.

Esse critério de diferenciação (por sexo) do trabalho interessa ao capital e o serve, mas sua evidência segue sendo camuflada e justifica entre outras coisas as remunerações desiguais.

Mas, torna-se necessário ressaltar que a própria ideologia obscurece o papel produtivo das mulheres. E isso se reflete, diretamente, na realidade da unidade doméstica que estabelece critérios mais objetivos, oriundos da divisão racional entre homens e

¹ *Os papéis desempenhados no interior da produção familiar são papéis de parentesco, no sentido de que não regulamentam apenas as relações entre os membros da família, mas também as relações de produção. Assim, o papel de mãe esposa estabelece direitos e obrigações da mulher para com seus filhos e seu marido (bem como para todas as relações consanguíneas e por afinidade, horizontais e verticais), mas também estabelece direitos e obrigações para com as pessoas que conformam o grupo da produção. (SHANIN, 1971; MEILLESSOUX, 1978; CHAYANOV, 1985)*

mulheres. *"Quando se trata de famílias nucleares formadas por um par de adultos e seus filhos, são as necessidades internas, as condições econômicas e a intensidade do trabalho doméstico-reprodutivo que determinam quem faz e em que espaços."* (Pilar CAMPAÑA, 1992:23).

A forma por que funcionam esses fatores, na realidade, reforçam o argumento de que não existem impedimentos biológico-sexuais para que as mulheres realizem qualquer tipo de tarefa no âmbito da produção, da mesma forma que não existe nenhuma barreira em relação às capacidades do homem para realizar tarefas do tipo doméstico-reprodutivas.

Sendo assim, o trabalho feminino, segundo Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONE (1992:5), é mais subestimado nas áreas rurais, porque os espaços do trabalho e os da casa são os mesmos ou contíguos, de tal maneira que as mulheres combinem, numa única jornada e num único ambiente, o trabalho doméstico e o trabalho produtivo. Portanto, *"no que concerne à produção familiar agrícola, a atividade doméstica acaba sendo registrada como a principal"*. Dessa forma, o trabalho feminino, nas áreas rurais, tende, ainda a ser subestimado pelos censos

*"por ser este um exemplo privilegiado de que definições estereotipadas a respeito da mulher - de novo no singular, ou seja, toda mulher, não se admitindo a diferença de fato existente - fazem com que o desempenho institucional orientado para as mulheres acabe prejudicado."*² (Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONI, 1992:6).

Como a formação da organização camponesa está estruturada tradicionalmente na relação com a autoridade masculina, a tomada de decisões quanto ao controle e gasto da produção está restritas às mulheres.

² Cristina BRUSCHINI (1994: 63) afirma que: *"Os conceitos e procedimentos tradicionalmente utilizados para medir o trabalho, no entanto, sempre ocultaram a contribuição feminina. Tomando como modelo o trabalho regular, contínuo e formalmente remunerado, seguindo as regras da economia de mercado predominantemente nos países capitalistas mais avançados, os critérios de captação de informações sobre o trabalho se mostraram inadequadas para perceber a atividade econômica da mulher."*

"Este conjunto de traços conforme o que alguns autores têm denominado de 'invisibilidade' da contribuição da mulher na vida familiar e econômica do camponês e que tem trazido como consequência falta de reconhecimento do trabalho da mulher como produtora." (Diana MEDRANO, 1991:15).

Para Elisabeth Sousa LOBO(1991), as origens dessa discriminação estão nas próprias estruturas familiares e nas formas de discriminação social (em nível ideológico). O capital não cria esse estado de subordinação das mulheres, entretanto o integra e reforça.

Mary Castro GARCIA (1991:59), analisando a dinâmica entre classe e gênero na América Latina, acrescenta que o

"capital não é sexista e, se na segmentação da força de trabalho inclina-se por outro gênero e, por trabalhadores de determinada idade, ou, no caso das mulheres, em determinada posição no grupo familiar, pauta-se por vantagens comparativas, principalmente em relação ao preços ao controle da força de trabalho. Condicionantes ideológico-culturais (sic) e a responsabilidade da mulher, no âmbito, com a reprodução da existência a tornam mais propícia à exploração no mercado."

Nessa mesma vertente, Cristina BRUSCHINI (1986:44) acrescenta que

"a ideologia transformou essa rígida divisão sexual do trabalho em uma divisão natural, própria à biologia de cada sexo. A qualificação do papel de esposa e mãe concretizou-se mais facilmente na medida em que casa e família passaram a significar a mesma coisas, apesar de na verdade não o serem."

É nesse ponto que nasce o caráter ambíguo das relações família/sociedade, à proporção em que se misturam duas áreas situadas na esfera doméstica. Aparentemente são semelhantes, mas, na realidade, exercem funções diferentes. Essas áreas distintas casa/família persistem na ambigüidade das relações intra-lar, entretanto, casa corresponde à unidade material de produção e consumo, enquanto família consiste num grupo de pessoas ligadas por laços afetivos e psicológicos. A importância econômica do trabalho é disfarçada pela identificação que é feita entre os resultados objetivos do trabalho doméstico - "casa" -

e as atividades "naturais" da mulher - "família".³ Isso faz com que a suposta determinação biológica não reconheça a conotação social do trabalho doméstico.

Neste contexto de relações sociais, o patriarcalismo se expressa, não só através da diferenciação sexual do trabalho, como também na apropriação do trabalho doméstico pelo homem. Da mesma forma, destina à mulher os cuidados com os filhos e o desempenho do trabalho doméstico, o que a torna um ser dependente. Essa dependência é mantida através do controle da organização familiar exercido pelos elementos masculinos que centralizam suas atenções num tipo específico de controle - o controle da sexualidade.

É, talvez, em decorrência disso que, no processo avaliativo que os homens fazem a respeito da participação da mulher no mercado de trabalho, os julgamentos são sempre negativos.

Essa discussão é bastante complexa e acaba por nos remeter ao cotidiano dessas mulheres, que é caracterizado pela filiação às unidades domésticas. Nessas unidades, as relações de trabalho assumem sua particularidade, e a divisão sexual do trabalho torna-se visível, assim como a demarcação dos papéis a serem assumidos por cada ator. Assim, às mulheres é destinado o espaço da reprodução, ou seja, o espaço doméstico, sendo, o trabalho no roçado, considerado, na maioria das vezes, um prolongamento desse, e, ao homem é destinado o espaço da produção - o trabalho pesado.

³ Diana MEDRANO (1991) assinala que: "as causas dessa situação se relacionam com o fato de que o trabalho doméstico não é percebido e nem contabilizado socialmente como 'trabalho', e nem tampouco constitui uma atividade remunerada. Entretanto, comporta características como baixa produtividade, pouco ou nenhuma especialização, baixo nível ou 'status social' e nenhuma remuneração em termos monetários. O trabalho doméstico gera relações de dependência da mulher para com o seu núcleo familiar."

Capítulo II
METODOLOGIA E TÉCNICA DE PESQUISA

METODOLOGIA E TÉCNICA DE PESQUISA

2.1 - Algumas reflexões sobre o cotidiano

A partir das últimas décadas, têm-se intensificado estudos sobre a mulher, particularmente, nas Ciências Sociais. É provável que, em grande parte, a intensificação do interesse por essa temática deva-se ao aumento da participação feminina nos setores econômicos, políticos e culturais, como decorrência do desenvolvimento e/ou das transformações ocorridas nas sociedades.

Esse ingresso das mulheres no domínio público, como diz Mariana MASSI (1992: 29), fomentou as investidas científicas e, dessa forma, as mulheres conquistaram status de objeto de estudo nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. Entretanto, somente a partir de 1970, as mulheres-cientistas estudaram e escreveram sistematicamente sobre a mulher e o universo feminino no Brasil.

Assim, ao questionar as normas e papéis preestabelecidos, ao penetrar em espaços proibidos, ao produzir um contradiscurso, colocando, face a face, duas culturas e duas visões de mundo, as mulheres, em movimento, introduziram a incerteza, a pluralidade e a escolha onde anteriormente só havia certeza, unanimidade e conformidade. (Rosiska Darcy de Oliveira, 1993: 72).

Na década de 80, os estudos sobre a mulher foram marcados pelas tentativas de ampliar esses estudos. Se, antes, esses estudos se concentravam nas mulheres trabalhadoras, agora passa-se a incorporar, em seus estudos, as relações de gênero ao invés de relações entre os sexos.

A emergência dos estudos sobre gênero coincidem com o surgimento da Nova História que mergulha nos “*temas da vida privada, do pessoal e do vivido, aqueles que o movimento feminista privilegia com tanta força*” - o que não é uma coincidência - “*já que as mulheres constituem, sem dúvida nenhuma, o grupo que pagou o tributo mais pesado pelo desenvolvimento da história dos homens.*” (Carlo GINZBURG e Carlo PONI apud Jacques LE GOFF, 1993:24).

Esses autores, ao elegerem para as suas investigações, a vida privada, provocaram mudança nas relações e, conseqüentemente a mulher passou a ser considerada sujeito, mesmo que ainda possuindo um lugar percebido como secundário na construção da história social.

Nesse sentido,

“a história social das mulheres, ao concentrar-se nos papéis informais e nas mediações sociais, abre espaço para relativização das normas e das temporalidades prefixadas. Mais do que isto, acumula conhecimentos extremamente diversificados sobre papéis femininos nas mais diferentes culturas, no sentido de documentar ad infinitum (sic) a diferença, pois, evidentemente, não se trata de estudos históricos comparativos em busca de padrões universais.” (Ma. Odila Leite da Silva DIAS, 1992:50).

Para a autora, a história social das mulheres trabalha com a multiplicidade de papéis e, nessa multiplicidade, é possível perceber a diferença entre os diversos papéis exercidos por elas em diferentes culturas. Por isso, a diferença não é um erro que deve ser corrigido, eliminado, mas deve ser encarado como algo necessário para a existência das sociedades. Ressalta ainda a referida autora :

“...a busca da especificidade histórica, que nunca é produto de racionalidades, pois admite o contingencial, o fortuito, a inventividade, a liberdade de ação dos agentes históricos. É o que justamente torna possível vislumbrar, na interpretação do processo histórico. O reinvento de um futuro libertário e não mera inferência de necessidades estruturais. Este o sentido da teoria feminista de desbravamento do cotidiano na perspectiva

histórica, pois o acumular de conhecimentos específicos sobre a experiência concreta das mulheres em sociedade a longo termo vem se contrapor aos valores culturais de dominação."

Segundo a autora, essa nova perspectiva proporcionou um campo fértil para o estudo da história das mulheres.

Entretanto, Joana Maria PEDRO(1994:36) acrescenta que esse campo apresentava limites. Se, nos anos 30, na França predominavam, na historiografia, as estruturas, as conjunturas, as categorias sociais e a luta de classes, a dimensão sexual não era levada muito em consideração. Em decorrência disso, a história das mulheres surgiu junto ao movimento feminista, e uma série de fatores que, segundo Michelle Perrot apud Joana Maria Pedro (idem), têm beneficiado essa história: o desenvolvimento de uma antropologia histórica que colocou o estudo da família e os papéis sexuais, em primeiro plano, nas suas preocupações: e aquilo que passou a chamar-se *Nova História*, levando em consideração as representações e as práticas cotidianas, foi, seguramente, uma conjuntura aberta à escrita da história das mulheres.

A noção de vida cotidiana nos remete ao espaço doméstico-privado onde a familiaridade é pensada como uma zona de não-conflito, de segurança, de aconchego, de consideração de um pelo outro, enfim o lugar secreto.

Talvez seja nesse espaço secreto que as lutas são travadas, por isso torna-se necessário um outro olhar sobre o cotidiano, pois "*se perscutarmos atentamente revela-se como um dos lugares privilegiados das lutas sociais*" (Jacques LE GOFF, 1986:81) que, durante muito tempo, ficaram obscurecidas pela "*história oficial*". Por isso a,

"história do cotidiano é uma visão autêntica da história porque representa uma das melhores formas de abordagens da história global, na medida em que atribui a cada ator e a cada elemento da realidade histórica um papel, no funcionamento dos sistemas, que permitem decifrar essa realidade." (Jacques LE GOFF, 1986: 82).

Portanto, pode-se dizer que, por mais que a vida cotidiana seja fruto da mimese e da alienação, é sempre possível o surgimento de novas atitudes. O cotidiano nos permite uma margem de liberdade, uma probabilidade de um equilíbrio entre a individualidade e o ser genérico, haja vista que a vida cotidiana não é só mimese-imitação há momentos em que o ator pode esquecer parte do texto que representa na sociedade e o substituir por outro, levando-se em consideração as características que lhe são próprias. Nesse sentido, reportamo-nos a Agnes HELLER(1992: 41) que nos alerta para a não cristalização da vida cotidiana. Uma vez que *“a ‘ordenação’ da cotidianidade é um fenômeno nada cotidiano; o caráter representativo, ‘provocador’, excepcional, transforma a própria ordenação da cotidianidade numa ação moral e política.”*

A reprodução ideológica e social surge da própria reprodução dos homens individuais. Portanto, a vida cotidiana revela o tecido social. Assim, estudar o cotidiano é mergulhar na própria História. (Mariana MASSI, 1990:31).

Assim,

“a vida cotidiana é a vida do inteiro: ou seja, o homem participa na vida cotidiana como todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”. (idem: 18).

Portanto, a questão do cotidiano, como enfoque teórico, pode parecer uma discussão que separa o particular do âmbito mais geral da convivência social dos homens na sua dimensão genérico-histórica. Essa busca de tentar compreender a realidade cotidiana da comunidade a ser pesquisada nos levou à leitura de autores que discutiram e analisaram o cotidiano.(Karel KOSIK, Agnes HELLER e Henri LEFEBVRE).

A leitura das obras desses autores corroborou a nossa fé na fertilidade das explicações a níveis microssociais para o melhor equacionamento dos problemas que a mulher enfrenta na sociedade.

O caráter fragmentário do cotidiano dá a impressão de estar fora dos acontecimentos históricos, isso em decorrência da sua repetição e "monotonia". Todavia, torna-se necessário frisar que a "*vida cotidiana não está 'fora' da História mas no 'centro' do acontecer histórico: é a verdadeira 'essência' da substância social.*" (Agnes HELLER, 1992:20). Sendo assim, os grandes acontecimentos da história partem da vida cotidiana e a ela retornam.

Para a referida autora (1992:18)

"A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividades. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada."

Dessa forma, a vida cotidiana é a vida do indivíduo por isso ele é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. O genérico tem o sentido de estar contido em todo indivíduo, embora suas motivações sejam particulares. Então, pode-se dizer que o homem, como um ser genérico, é o produto e o representante de suas relações sociais.

A análise da vida cotidiana deve respeitar radicalmente as determinações sociais de classe, pois é a partir dela que se evidencia a "*assimilação da manipulação das coisas como sinônimo de assimilação das relações sociais.*" (Agnes HELLER, 1992:19).

Segundo a autora, essa assimilação para a cotidianidade inicia-se sempre por grupos, ou seja, essa assimilação pode ocorrer na escola, na família e em pequenas

comunidades. E nesses contatos entre grupos estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores.

Assim, o homem já nasce na cotidianidade de seu grupo social, e seu amadurecimento vem do processo de constituição do mundo interno, de suas soluções. Enfim, é, na vida grupal, que se faz a assimilação das relações sociais necessárias à vida cotidiana.

Por isso, estudar o cotidiano da mulher é mergulhar em vários cotidianos já que eles trazem implícitos os germes oriundos das relações sociais, ou seja, todos os componentes ideológicos, culturais e sociais. E, de acordo com a faixa etária e a classe social, "*cada cotidiano particular compõe a configuração necessária à tentativa de teorização sobre o que há de estreitamente comum em suas vidas.*" (Mariana MASSI, 1992: 31).

Dessa forma, podemos perceber que cabe à mulher o papel de agente transmissor da ideologia da classe social, que se consubstancia na transmissão cotidiana da ideologia e da sexualidade. Em outros termos, as mulheres educam seus filhos/homens para, futuramente, desempenharem o seu papel de marido e as meninas/mulheres para o seu papel de mulher/esposa.

Nas famílias, as mulheres sempre têm que assumir o que deveria ser compartilhado por todos. A recusa dos homens em partilhar dessa divisão ocasiona a formação de uma sociedade feminina "abstrata" que se contrapõe à sociedade masculina "concreta" das instituições públicas.

Por isso, Henri LEFEBVRE (1991:82) assinala que "*pesa sobre a mulher o fardo da cotidianidade. É provável que tirem vantagem disso. Sua tática: inverter a situação. Nem por isso deixam de agüentar a carga.*"

Mariana MASSI (1992) acrescenta que as mulheres desconhecem esse poder de agente transmissor de ideologia e não sabem ainda utilizá-lo a seu favor, principalmente com o propósito de uma transformação social a partir do cotidiano.

Segundo Agnes HELLER (1992), é do cotidiano que emergem as grandes decisões e os instantes dramáticos de decisão e de ação. Nesse sentido, pode-se dizer que as atividades superiores dos homens nascem do germe implícito na prática cotidiana.

E, nesse sentido, diz Agnes HELLER *"quem assimila a cotidianidade de sua época assimila também, com isso, o passado da humanidade, embora tal assimilação possa não ser consciente mas apenas 'em si'."* (Idem).

Para a referida autora, o pensamento cotidiano está constituído dos seguintes elementos:

"a)Espontaneidade. *É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tampouco uma mesma atividade apresenta-se identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado. Mas em todos os casos, a espontaneidade é a tendência (grifo meu) de toda e qualquer forma de atividade cotidiana.*

b)Probabilidade. *Na vida cotidiana, o homem atua sobre a base da probabilidade, da possibilidade: entre suas atividades e as conseqüências delas, existe uma relação objetiva de probabilidade. Jamais é possível, na vida cotidiana, calcular com segurança científica a conseqüência possível de uma ação. Nem tampouco haveria tempo para fazê-lo na múltipla riqueza das atividades cotidianas.*

c) Economicismo da vida cotidiana. *Toda categoria da ação e do pensamento manifesta-se e funciona exclusivamente enquanto é imprescindível para a simples continuação da cotidianidade; normalmente, não se manifesta com profundidade, amplitude ou intensidades especiais, pois isso destruiria a rígida 'ordem' da cotidianidade.*

d)Atividades cotidianas. *O pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, nessa medida, é possível*

falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. A idéias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis.

e) Pragmatismo. *Cada uma de nossas atividades cotidianas faz-se acompanhar por uma certa fé ou certa confiança. A unidade imediata de pensamento e ação implica na inexistência de diferença entre 'correto' e 'verdadeiro'. Por conseguinte a atitude da vida cotidiana é absolutamente pragmática.*

f) Ultrageneralização. *O característico (sic) do pensamento cotidiano é a ultrageneralização, seja em suas formas 'tradicionais', seja como consequência da experiência individual. Os juízos ultrageneralizadores são todos eles juízos provisórios que a prática confirma, ou, pelo menos, não refuta, durante o tempo em que, baseados neles, fomos capazes de atuar e de nos orientar*

g) Mimese. *Não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente 'segundo preceitos', mas imitamos os outros; sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis.*

h) Entonação. *...tem uma grande importância na vida cotidiana, tanto na configuração de nosso tipo de atividade de pensamento quanto na avaliação dos outros, na comunicação, e etc. O aparecimento de um indivíduo em dado meio 'dá o tom' do sujeito em questão, produz uma atmosfera tonal específica em torno dele e que continua depois de envolvê-lo." (Agnes HELLER, 1992: 29-26).*

Embora o comportamento cotidiano demonstre uma característica superficialmente causal no que se refere à seleção de valores que estruturam o conhecimento dos indivíduos, existe, segundo, Agnes HELLER, uma conexão necessária entre os momentos característicos do comportamento.

Portanto, não há vida cotidiana sem espontaneidade, pragmatismo, economicismo, andalogia, precedentes, juízos provisórios, ultrageneralização, mimese e entonação (Agnes HELLER, 1992:37), ou seja, somente com essas características que se interrelacionam é que se forma a base da convivência cotidiana. Mas, a autora enfoca a necessidade da não cristalização dos elementos que formam e estruturam o pensamento da vida cotidiana. Caso contrário, *"se essas formas se absolutizam, deixando de possibilitar*

uma margem de movimento, encontramos-nos diante da alienação da vida cotidiana.”
(Agnes HELLER, 1992:37).

Segundo a autora, a alienação é sempre alienação em face de alguma coisa e, mais precisamente, em face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade. Assim, o indivíduo possui *“tanto a particularidade quanto o humano-genérico que funciona consciente e inconscientemente no homem.”* (op.cit.,22).

A superação da singularidade em rumo ao humano-genérico se efetua através da moral. Essa, tem a consistência da genericidade, ou seja, indica um sentimento societário que, variando em intensidade, aumenta ou diminui a motivação do homem para elevar-se da particularidade à esfera genérica. Para Agnes HELLER, as atividades superiores são as humano-genéricas que se contrapõem às atividades cotidianas. O processo de aprendizado da homogeneização se dará nas diferentes maneiras de convivência comunal, o que ocasionará o "amadurecimento" para o exercício da dimensão genérica.

As análises acerca da inserção do cotidiano no acontecer histórico, realizadas por Agnes HELLER, alertam-nos para o entendimento da realidade cotidiana expressa nos pequenos grupos, que, ao se unirem em torno das questões objetivas de sua cotidianidade, procuram se elevar da heterogeneidade (cotidiano) para a homogeneidade (genérico-histórico).

Já para Karel KOSIK (1989:69)

“a vida cotidiana é antes de tudo organização, dia a dia da vida individual dos homens; a repetição de suas ações vitais é fixada na repetição de cada dia, na distribuição do tempo em cada dia. A vida de cada dia é divisão do tempo e é ritmo em que se escoa a história individual de cada um.”

Entretanto o autor enfatiza que a cotidianidade desvinculada da história

"é esvaziada e reduzida a uma absurda imutabilidade; enquanto a história, separada da cotidianidade, se transforma em um colosso absurdamente impotente, que irrompe como uma catástrofe sobre a cotidianidade, sem poder mudá-la, sem poder eliminar a banalidade nem lhe dar um conteúdo." (Karel KOSIK, 1989:73).

Portanto, o indivíduo já nasce na cotidianidade de um grupo social e, através da vida grupal, é que faz a assimilação das relações sociais necessárias à vida cotidiana; por isso, na vida cotidiana, a ideologia é interiorizada através da repetição dos valores, dos atos de cada grupo social. Com o passar do tempo, esses atos e valores passam a fazer parte do cotidiano.

Nesse sentido, acrescenta Karel KOSIK (1989:69)

"Na cotidianidade a atividade e o modo de viver se transformam em um instintivo, subconsciente e inconsciente, irrefletido mecanismo de ação e de vida. As coisas, os homens, os movimentos, as ações, os objetos circundantes, o mundo, não são intuídos em sua originalidade e autenticidade, não se examinam nem se manifestam: simplesmente são e como um inventário, como partes de um mundo conhecido são aceitos."

Entretanto, para este autor, o mundo que se apresenta ao homem na "práxis fetichizada", não é o mundo real, é apenas o mundo da aparência. Por isso, *"o mundo da cotidianidade, familiaridade não é um mundo conhecido e notório. Para que seja reconduzido a sua própria realidade, ele tem de ser arrancado da familiaridade intimamente fetichizada e revelado na sua brutalidade alienada"*. (Karel KOSIK, 1989:77).

Para o autor, o cotidiano é o mundo fenomênico em que a realidade se oculta. Mas o real também se revela no cotidiano, pois a realidade à margem da vida de cada dia seria uma simples representação. Dessa forma, interessa, no processo do conhecimento, superar o obstáculo da familiaridade da vida cotidiana.

2.2 - Cotidiano e representações

Para entender a influência das representações nas atitudes das mulheres no cotidiano, fez-se necessário conhecer também suas vivências e experiências, relacionadas à organização do trabalho, da vida privada e social. Isso porque, consideramos "cotidiano", não só o que **incide** sobre o tempo do "trabalho social", mas também o tempo vivido fora desse espaço, que se traduz no lazer, no modo de viver, enfim na vida privada em geral, pois,

"por constituir-se nível de realidade, a vida cotidiana não se reduz ao conhecimento de situações circunscritas apenas a este (sic) nível da realidade. Estamos, ao mesmo tempo, na vida cotidiana e fora dela." (Sônia PÊNIN, 1989:16).

Dessa forma, ao adotar o cotidiano da mulher para análise não significa considerá-lo um determinante exclusivo. Entende-se que o cotidiano encontra-se impregnado de outros níveis sociais e interrelaciona-se, continuamente com eles. Isso faz com que o cotidiano seja, na maioria das vezes, guiado e vivido através dos significados atribuídos a determinadas tarefas e comportamentos, que são assimilados e reelaborados através das relações sociais, como expõe Agnes HELLER (1992:17): A estrutura da vida cotidiana tem na organização do trabalho, da vida privada, do lazer, do descanso, do intercâmbio as suas partes orgânicas da vida cotidiana, mas a sua significação, tal como seu conteúdo não é apenas heterogêneo, mas igualmente hierárquica. Entretanto, essa hierarquização não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais as quais está subsumida.

É, no cotidiano, através das relações que se estabelecem entre os grupos, categorias, classes, raças que nascem as representações. Nesse sentido, expõem Peter BERGER e Thomas LUCKMANN (1995:40):

"A realidade da vida cotidiana [...] apresenta-se a mim como um mundo intersubjetivo, um mundo de que participo juntamente com outros homens. Esta intersubjetividade diferencia nitidamente a vida cotidiana de outras realidades das quais tenho consciência. Estou sozinho no mundo de meus sonhos, mas sei que o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros quanto para mim mesmo. De fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros."

Então, pode-se dizer que é para o cotidiano que as representações, através das interações, regressam e se manifestam, aí introduzindo necessidades que fazem surgir novas representações e, conseqüentemente, propagando o cotidiano. Sendo assim, a interação pode ser definida,

"...como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata, uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros." (Erving GOFFMAN, 1989:23).

As representações sociais adquirem seu sentido através das interações sociais, isto é, através das relações entre grupos e pessoas que as criam e as comunicam, ao invés de utilizarem apenas aquelas circulantes na sociedade. Portanto, o conceito de representação social ressalta as dimensões particular e subjetiva do ator e, apesar de construídas socialmente, essas dimensões trazem a marca da singularidade do indivíduo. Então, cada um tem a sua maneira bem particular de se apoderar das idéias, crenças e valores, reelaborando-as e executando-as.

Assim,

"quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo." (Erving GOFFMAN, 1989:41).

Portanto, na medida em que uma representação enfatiza os valores oficiais comuns da sociedade, ela pode ser considerada como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade. (Erving GOFFMAN, 1989).

Por reconhecer que o ser mulher, em sua vida cotidiana, engloba uma diversidade de aspectos que nem sempre se orientam por um corpo de idéias teoricamente produzidas, antes pelas representações acerca do seu ser e estar no cotidiano é que a noção de representação social fez-se necessária neste estudo.

Nesse sentido, Serge MOSCOVICI (1970:25) ressalta que

"toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas [...] uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que nos tornam comuns..."

O que o autor procura mostrar é que as representações não são um reflexo na consciência (individual e coletiva) de um objeto ou situação externa. Elas devem ser percebidas de um modo ativo, uma vez que seu papel consiste em dar forma ao que é fornecido pelo exterior, não de maneira estática, como uma imagem, mas através de uma reconstrução do dado, a partir do contexto e condições daquelas que as estão reelaborando, para se tornarem, posteriormente, solidárias com tais representações.

Dessa forma, as representações sobre a mulher, em suas mais diferentes relações, a respeito de ser enquanto mulher e enquanto trabalhadora. E é em seu cotidiano que essas representações afloram e circulam. É no "fazer" de todos os dias que emergem, modificam-se ou desaparecem as idéias, atos e relações.

Para Sônia PÊNIN (1989:27), as representações se formam entre o vivido e concebido, diferenciando-se de ambos.

“O concebido, por um lado, constitui o discurso articulado que procura determinar o eixo do saber a ser promovido e divulgado. Representa, assim, o ideário teórico de uma época. O vivido, por outro lado, é formado tanto pela vivência da subjetividade dos sujeitos quanto pela vivência social e coletiva dos sujeitos num contexto específico”.

Assim, para a referida autora, o ‘concebido’ sobre determinados objetos sociais que se divulgam no cotidiano, é formado por uma modalidade de conhecimentos que serve de explicação para a realidade. Enquanto o vivido constitui o presente, isso não quer dizer que é o singular, o subjetivo, mas, pelo contrário, o vivido coincide com as relações sociais, haja vista que elas são vividas antes de serem concebidas. E entre o concebido e o vivido estão as representações que podem consolidar, modificar o concebido e o vivido.

Dessa forma, não há como desprezar o papel fundamental que as representações sociais exercem nas concepções que orientam o cotidiano. Elas englobam os preconceitos, as crenças, os valores, os conhecimentos, que foram construídos através das relações sociais vivenciadas pelos indivíduos. Essa atitude faz com que encaremos o cotidiano dessas mulheres, não só como repetição e reprodução, mas como algo que vem sendo criado e recriado. Portanto, a vida cotidiana dessas mulheres não se resume apenas à “passividade” mas também à “atividade”. Representar não significa, apenas, repetição, mas ir além dela.

Assim,

“a representação social se constrói no processo de comunicação, no qual o sujeito põe à prova, através de suas ações, o valor - vantagens e desvantagens - do posicionamento dos que se comunicam com ele, objetivando e selecionando seus comportamentos e coordenando-os em função de uma procura de personalização.” (MALRIEU apud Silvia LANE, 1993:35).

Sendo assim, a representação social se estrutura tanto pelos objetivos da ação do sujeito social como pelos dados que concordam ou que se opõem a eles. As representações das mulheres acerca de seu trabalho e de si, enquanto mulher, mostram o caráter social, cultural e histórico de sua construção, pois não só a dimensão trabalho mas também *"o masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade."* (Guaraciara L. LOURO, 1992:57).

Sendo assim,

"Se homens e mulheres como integrantes da cultura estão submetidos às mesmas convenções sociais, ainda que com papéis distintos, a mulher é por assim dizer (sic) capturada uma segunda vez na malha de uma suposta naturalidade. Na medida em que a família implica necessariamente uma divisão sexual do trabalho, o cuidado com a prole é sempre destinada às mulheres e este se situa para além do papel propriamente reprodutivo, mas ainda assim recebe uma carga simbólica de atributo pré-social da condição feminina." (Maria Luiza HEILBORN, 1991:29).

De acordo com a autora, pode-se dizer que, tanto a relação que a mulher mantém com o seu trabalho quanto a que mantém consigo mesma, enquanto mulher-trabalhadora, foram construídas num processo de relação e se expressam no cotidiano.

Daí, a necessidade de se procurar, através da prática cotidiana, os aspectos que, considerados como exteriores àquele espaço, ali se manifestam, interrelacionados às ações. É toda a história e cultura de um povo, de um grupo social, sendo unificados nessa relação, pois,

"Os momentos vividos publicamente possuem entre si interstícios da existência privada ou de um cotidiano que corre incessante na biografia. Cotidiano que freqüentemente transborda do seu leito, rompe barragens e confunde a vida íntima com os eventos históricos." (Ecléa BOSI, 1992:111).

Para compreender a incidência das representações nas atitudes das mulheres no seu cotidiano, fez-se necessário conhecer, também, outras de suas vivências e experiências, relacionadas não apenas ao espaço familiar. Isso porque considero como "cotidiano" não só o que incide sobre o tempo do "trabalho social" mas também o tempo vivido fora desse espaço, como o lazer, o modo de viver, enfim, a vida privada, em geral, uma vez que "*por constituir-se nível da realidade, a vida cotidiana não se reduz ao conhecimento de situações circunscritas apenas a este nível da realidade.*" (Sônia PÊNIN, 1989:16).

A prática cotidiana dessas mulheres extrapola o meramente instituído. Entretanto, em suas falas, demonstram, com nitidez, o estabelecido pela sociedade. Nesse sentido, o seu desempenho encontra-se recheado pelas representações existentes na sociedade, em relação ao seu trabalho, ao ser mulher, que foram incorporadas e são 'reapresentadas' na vida cotidiana. Todavia, sabemos que: "*... representar uma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo; é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto.*" (Serge MOSCOVICI, 1978:58).

Tomando a comunidade como ponto de partida das representações, pode-se dizer que o "cenário" não sofre transformações significativas. No entanto, esse "cenário" pode dar espaço às mais variadas representações.

Quando cheguei à comunidade pela primeira vez, parecia que estava diante do novo, do inusitado. Mas, com o passar do tempo observa-se que tudo se repete, desde o cenário até as conversas dos moradores e, se continuar com esse olhar, poderá se privar de perceber as nuances daquilo que sorrateiramente se renova. Pois apesar do fato de as intérpretes terem papéis definidos a priori, isso não garante a homogeneidade e a coerência nas suas falas, uma vez que algumas esquecem, e substituem parte do texto.

Dai, a necessidade de não se olhar essas mulheres a partir de estereótipos advindos de informações, e levar em consideração que cada sociedade tem as suas

particularidades, por isso não convêm homogeneizar essas sociedades. Haja vista que *"somente indivíduos de determinados tipos são provavelmente encontrados em um dado cenário social."* (Erving GOFFMAN, 1989:11).

Essas mulheres irão mostrar como ocorre o cotidiano de uma comunidade. Nesse sentido, estarão expressando uma realidade. Pois,

"Entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante." (Peter L. BERGER & Thomas LUCKMANN, 1995:38).

Sem ter a pretensão de analisar toda a realidade da comunidade, passo a descrever alguns aspectos do cotidiano das mulheres. E, ao descrever tais aspectos, expressei minha forma de ver, compreender e interpretar.

2.3 - A família

Para Eunice DURHAM (1983:16), a família

*"deve ser definida como instituição, no sentido de Malinowski, isto é, em sua referência a um grupo social concreto, que existe como tal na representação de seus membros, o qual é organizado em função da reprodução (biológica e social) pela manipulação, de um lado, dos princípios formais da aliança, da descendência e da consagüinidade e, de outro, das práticas substantivas da divisão sexual do trabalho."*⁴

Reforçando a análise de Eunice DURHAM, Marilena CHAUI (1993:144) assinala que

"é na família que se constitui um destino comum, que se elabora um saber sobre o espaço, o tempo, a memória, a transmissão de conhecimentos e de informações, que se compensa a pouca escolarização com outros aprendizados transmitidos oralmente e por contato direto."

Então, pode-se dizer que a mulher/mãe de família é a responsável pela socialização dos filhos. E, nesse sentido, a mulher organiza e estrutura o cotidiano familiar e também faz a ligação entre a família nuclear - pai, mãe e filhos - com a família maior - escola, clube.

Uma das características do cotidiano apontada por Agnes HELLER, é a heterogeneidade. Nela as várias atividades diferentes possuem uma hierarquização, determinada pelo sistema ideológico e cultural vigente, que é garantido, exclusivamente, pelo trabalho cotidiano da mulher. (Mariana MASSI,1992). Sendo assim, a mulher se encarrega dessa hierarquia para que ela seja respeitada e vivida por todos os membros da

⁴ Para Charles de La RONCIERE (1992:162) *"viver privadamente é antes de tudo viver em casa, em família. A família constitui o coração do privado, cada um está convencido disso. A casa, o lar, esse privado, o mais indispensável e o mais caloroso, é muitas vezes percebido como um meio estreito."*

família. E é, nesse sentido, que as mulheres diferenciam os ensinamentos dos filhos, lembrando que eles serão futuros homens/maridos.

Diante desse contexto, a mulher realiza dois papéis fundamentais: o de reprodução biológica da sociedade e de reprodução simbólica, na medida em que diferem os ensinamentos transmitidos aos filhos, no atendimento às necessidades afetivas, na formação do seu caráter.

Segundo Mariana MASSI(1992), as mulheres desconhecem esse poder e, menos ainda, utilizam-no a seu favor, principalmente com o objetivo de transformação social a partir do cotidiano. Nessa análise, a autora reporta-se às considerações de Agnes HELLER quando expõe que o cotidiano *"não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social."* (1992:20)

A família,

"é dessa forma, usada para a dominação masculina, pois a divisão do trabalho doméstico é claramente organizado para poupar os filhos homens e os homens/maridos das tarefas da manutenção: a comida, a limpeza, a disposição dos objetos, etc."
(Mariana MASSI,1992:134).

Diante desse quadro, a mulher é quem melhor cumpre o cotidiano, pois tudo deve ser realizado para propiciar o bom andamento das tarefas realizadas pelos homens. Até o trabalho da mulher tem que se adequar ao do marido e, dessa forma, a adequação da mulher torna-se natural e, conseqüentemente, em virtude desse "natural" o trabalho doméstico e, até mesmo, profissional torna-se desqualificado.

Procurando desnaturalizar essa "ordem" Maria Luiza HEILBORN(1991:30) afirma que:

"desnaturalizar a família é demonstrar de que modo as feições sob as quais elas se apresentam em dado momento são produtos de uma determinada ordem cultural e social; é retirar-lhe a aparência de 'natural' ainda que o discurso com que se apresentem assim o designe."

Torna-se necessário ressaltar que, até certo período da infância não existe, praticamente, diferença quanto aos cuidados e ao treinamento dispensado aos meninos e às meninas. É, já por volta dos oito anos de idade, quando se iniciam com maior peso as solicitações no sentido de uma prestação de serviços dentro do grupo doméstico de que fazem parte, essa diferença vai se fazer notar com maior relevância. Enquanto os meninos dispõem de uma relativa liberdade, as meninas são chamadas, desde cedo, a desempenhar tarefas dentro do esquema de atribuições características de cada sexo.

O treinamento da menina tem, como objetivo, prepará-la para o seu futuro de esposa, mãe e dona-de-casa, mas, ao mesmo tempo, essa preparação assume um caráter eminentemente prático já que seu trabalho é necessário dentro da unidade doméstica, pois substitui a mãe nas tarefas domésticas, liberando-a, de certa forma, para que se dedique aos serviços da roça. Nesse sentido, a mãe é responsável pelo aprendizado das meninas e essas mais tarde a imitarão. Retomando Agnes HELLER (1992:27), que, analisando as características da vida cotidiana expõe que: *"Não há vida cotidiana sem imitação. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente 'segundo preceitos', mas imitamos os outros: sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis."*

A primeira tarefa executada pelas filhas no *Ligeiro de Baixo* de acordo com as informações é **tomar de conta** dos irmãos menores que ficam entregues à sua responsabilidade, enquanto a mãe passa o período da manhã no roçado.

Com relação às atividades (trabalho) desempenhadas pelas meninas, pode-se dizer que estão totalmente vinculadas à unidade doméstica. Ou seja, seu trabalho se

consubstancia através da elaboração dos meios diretos para a sobrevivência do grupo doméstico, como o preparo de alimentos, a limpeza da casa, o cuidado com as crianças menores e a elaboração de bens comercializáveis pelo grupo, como é o caso das meninas cujas mães trabalham na fabricação de queijos (*Ligeiro de Cima e Belo Monte*) ou na confecção da cerâmica (*Ligeiro de Baixo*).

Tal descrição faz-se necessária na medida em que se verifica que a atividade das meninas está quase que exclusivamente associada ao trabalho doméstico.

A socialização das crianças está presente como instrumentação para o "papel de mulher", para a investidura de reprodutora (no sentido biológico e sócio-econômico). Incumbe às meninas o cuidado com as crianças menores, refletindo, assim, a própria "sexualização" dos papéis.

Portanto, é comum que as mães matriculem suas filhas na escola que funciona na comunidade, ou procurem conciliar os horários de aulas das mesmas, distribuindo-as pelos turnos (manhã e tarde) para permitir que sempre esteja pelo menos uma em casa. Além do cuidado com os irmãos menores, ainda são solicitadas para auxiliar a mãe nos trabalhos de limpeza da casa e do terreiro e prestam-lhe, também, uma ajuda complementar em outras tarefas, como o preparo dos alimentos e a ajuda na fabricação da cerâmica e do queijo.

Por volta dos seis anos, a menina já "deve"/"pode" ajudar na casa.

E1. "Ela lava os pratos do café, do almoço e da janta, varre a casa. Ele; bem, ele, o menino não faz isso, mais em compensação vai ali, solta as cabra, dá milho pros bicho, vai até o roçado." (BM, casada, 55 anos).

Com esse treinamento, as mães esperam das filhas que sejam boas donas-de-casa. No entanto, ressaltam a importância de se ter uma profissão e de, futuramente,

encontrar um bom marido. Então resolvi perguntar o que é um bom marido. A informante respondeu da seguinte forma:

M. "Primeiro ser unido o homem e a mulher. Se respeitarem. Não é situação financeira, a mulher precisa de carinho, saber criar os filhos sem estupidez... marido bom é quando não há traição." (BM, casada, 50 anos).

Através desses depoimentos, podemos perceber que a concepção que essas mulheres têm sobre o marido, está sempre associada ao fenômeno da traição.

Outra informante expressou-se assim:

ML. "Eu sofro muito por ele sair de casa pra ir pra casa de outra mulher. Oh! Isso faz 14 anos. O pior que a outra é aqui perto. Olhando daqui agora não dá pra ver, mais, quando tá tudo seco, eu vejo a casa dela. Ela também é separada. Ela separou porque o marido bebia. O meu também bebe. Ele só vai pra casa dela bêbado. Só tem uma coisa, ela tem ele pela metade. Pra dizer a verdade, quase todos os homens daqui têm outra mulher. E são tudo pobre, não têm nada... O pior que sou prima dele. Sou sobrinha legítima da mãe dele." (LB, casada, 54 anos).

Nesse breve depoimento, a informante "não gosta" do fato de o marido ter outra mulher, mas, por outro lado, afirma que não se separa dele porque ela casou no "padre e no civil" e, além disso tem os filhos. Salientou, também, as dificuldades que enfrentou e que ainda enfrenta para poder criar os filhos e eles "não gosta da arrumação do pai."

Entretanto, tal fenômeno é "aceito" pelas mulheres casadas. Mas com relação à suposta traidora, essa, sim, não tem perdão: as mulheres simplesmente as "excluem" do grupo. No *Ligeiro de Baixo*, houve um caso que se tornou tão agravante que a " 'traidora' teve que ir embora para Serra Branca (depoimento de MB, casada, 39 anos)."

Essa situação foge do cotidiano dessas mulheres, pois sempre esperaram que seus maridos continuassem "bons".

O mesmo que as mães querem para suas filhas, querem para seus filhos, que sejam bons maridos e encontrem uma boa esposa. Segundo um informante, ser uma boa esposa "*é considerar muito o marido, respeitar e ajudar.*" (R, casado, 58 anos). Esse informante espera que seu filho case com uma boa mulher e continue tomando conta do roçado e tendo responsabilidade com a casa.

2.3.1 - Formação das famílias

Belo Monte

Nº de filhos por família		Nº de famílias
1		1
2		2
3.....		2
Total de mulheres entrevistadas	=	7
Total de mulheres solteiras	=	2
Total de mulheres casadas	=	5

Ligeiro de Cima

Nº de filhos por família		Nº de famílias
1.....		3
2.....		4
3.....		2
Total de mulheres entrevistadas	=	10
Total de mulheres solteiras	=	1
Total de mulheres casadas	=	9

Ligeiro de Baixo

Nº de filhos por família	Nº de famílias
Não têm.....	3
1.....	1
2.....	3
3.....	2
4.....	5
5.....	3
Total de mulheres entrevistadas	= 17
Total de mulheres casadas	= 14
Total de mulheres separadas	= 2
Total de mães solteiras	= 1

Pesquisa de campo, março de 1995

Como pode ser visto no quadro "formação das família", no *Belo Monte*, das sete mulheres entrevistadas, cinco são casadas e duas são solteiras, sendo que uma mora sozinha em uma das casas mais antigas do local, e é nessa casa que está situado o poço da comunidade, a outra é aposentada como professora e mora com o irmão. Das cinco casadas, duas são professoras da escola da comunidade e uma trabalha nos chamados serviços gerais, e as outras cuidam apenas da casa e do roçado.

No *Ligeiro de Cima* das onze mulheres entrevistadas, duas são aposentadas, uma trabalha no posto de saúde, e as demais são "agricultoras". E, no *Ligeiro de Baixo*, das dezessete mulheres entrevistadas, dezesseis são casadas, dessas dezesseis, duas estão separadas, e uma é mãe solteira. Das casadas, uma, durante certo tempo, foi mãe solteira e explicou o seu caso da seguinte maneira:

MB. "Quando eu era mais nova, eu fui morar em São Paulo, aí eu fui trabalhar em Limeira numa fábrica de peças de carro, na metalúrgica. Depois fui trabalhar numa fábrica de tecelagem. Aí

fazia cinco anos que eu estava lá e minha mãe e meu pai estava aqui. Teve também o fim do meu namoro com um rapaz de lá. Assim que cheguei aqui, comecei namorar o ZG. Como fiquei grávida e ele era menor de idade fui embora pra São Paulo... Eu só fui porque ele era menor de idade, ele tinha dezesseis anos e a mãe dele não queria o casamento... Depois que tive ela voltei porque minha mãe chamou, aí quando voltei o pai dela começou ajudar na alimentação dela. Como não tinha jeito da mãe dele mim separar dele resolvemo se casar." (LB, casada, 39 anos).

Com relação às duas mulheres separadas, argumentaram que o motivo da separação foram *"os juramentos de morte que os maridos faziam juntamente com a cachaça."* (LB, separada, 52 anos). Outra disse que *"no começo era tudo bom, mais, quando os meninos foi crescendo a situação foi só ficando ruim, daí ele foi embora pra Caruaru, aí eu acho melhor só do que mal acompanhada."* (LB, separada, 51 anos).

Para essas mulheres, a separação foi ocasionada pela cachaça, pois, quando seus maridos bebiam tornavam-se violentos. E, se não fosse a bebida elas não teriam se separado.

A maioria das famílias moram em casas que, geralmente, são de alvenaria e com piso de cimento; algumas dessas casas foram construídas recentemente, outras são mais velhas. Nessas, observa-se que os quartos de dormir não possuem janelas. Um informante explicou a ausência de janelas no quarto de dormir dessa forma:

R. "Essas aí são do tempo antigo. Antigamente não se colocava janela no quarto de dormir das moças. Por isso elas não tem não." (BM, casado, 58 anos).

Segundo a moradora da casa(E1), essa artimanha era utilizada para dificultar a saída das meninas em direção às festas ou para se encontrar com o namorado. De acordo com a moradora da casa, os quartos de dormir eram muito quentes e, de uns anos para cá, resolveu abrir uma janela em seu quarto. (LC, casada, 55 anos).

A maioria das famílias que moram no *Ligeiro de Baixo*, encontram-se distribuídas em casas próximas umas das outras. As casas são de alvenaria, algumas, com piso de cimento outras, apenas de barro batido; possuem poucos cômodos e não dispõem de energia elétrica. Enquanto as casas do *Ligeiro de Cima* e do *Belo Monte* dispõem de energia elétrica.

As casas do *Ligeiro de Baixo*, possuem poucos móveis e utensílios, todavia observou-se uma grande expectativa para a instalação de energia elétrica.

As alternativas de lazer nessa localidade são reduzidas. O ponto de encontro é uma igreja localizada no *Ligeiro de Cima*. Para os homens, existem as mercearias onde são comercializadas as bebidas alcoólicas e onde estão as mesas de bilhar (sinuca). Outro ponto de encontro é a própria feira de *Serra Branca*, realizada aos sábados e, nesse dia aproveitam para assistir à missa na igreja matriz.

H. "Participo de tudo, só não vou quando não dá ou não posso. Sábado mermo eu senti muito porque tava chovendo e não deu tinha muita lama. Eu participo de tudo o que tem na igreja. Pronto, a mãe dessa criança vei pra cá pra gente ir, mais como tinha lama não dava." (casada, 56 anos).

Outra afirmou que:

M.B. "Quando tem coisa na igreja e é de noite, vai eu, meu marido e meus filhos, ai a gente vai no carro de boi."

As relações com os vizinhos são fortes, uma vez que, nessa localidade, a maioria são parentes próximos. Essas relações são necessárias para as etapas do ciclo agrícola, ou na indústria doméstica.

As mulheres do *Ligeiro de Baixo* que fazem cerâmica, são parentes próximas; quando alguma necessita de algum material, como giz para pintar as louças, vai buscar nas

casas das outras. Assim como, quando necessitam, deixar os filhos menores com a outras quando vão para o roçado.

Quando indaguei sobre o relacionamento com as outras famílias do *Ligeiro de Cima*, uma informante respondeu assim:

M.B. "Eu me dou. Agora os meus filhos jovens se sentem discriminado. Pois, nos dias de festa, a gente vê que as meninas do Ligeiro de Cima não se misturam com as meninas do Ligeiro de Baixo. Eles chamam a gente de negros do Ligeiro."

A discriminação deriva do fato de as pessoas do *Ligeiro de Baixo* trabalharem como assalariadas no *Ligeiro de Cima* e no *Belo Monte*, e, além disso, as informantes dizem que tudo o que se refere aos investimentos públicos se concentram no *Ligeiro de Cima*.

M.Q. "... tudo vem pra eles. A senhora vê a energia, aqui não tem, eles têm. Tudo vai pra eles. A gente fez baixo-assinado e tudo."(LB, casada, 68 anos).

Perguntei também sobre o relacionamento com a Associação, se se utilizavam das benfeitorias. Uma informante respondeu que ainda não tinha precisado, mas se acaso precisasse, iria à associação, já que paga as mensalidades.

"H. A associação tem uma máquina pra cortar capim. Mais ai até agora não precisou. Quando preciso o rapaz ali meu filho corta o capim pra ração dos animais."(LB, casada, 56 anos).

Através das entrevistas, percebe-se que a maioria dos filhos estudam, ou no grupo da própria comunidade ou no grupo do *Ligeiro de Cima*, isso se estiverem cursando a primeira fase do primeiro grau. Quando passam para o ginásio, dirigem-se às escolas de *Serra Branca*.

Na comunidade pesquisada, os pais procuram conciliar a educação escolar dos filhos com as tarefas da unidade doméstica. Já que não dispõem de meios para contratar trabalhadores. Nesse sentido, as filhas acompanham as mães nos afazeres domésticos enquanto que os filhos acompanham os pais nas tarefas do roçado.

Como a maioria dos filhos das informantes eram adolescentes e estavam cursando o ginásio, não estavam mais estudando no grupo da comunidade, por isso tinham que largar seus afazeres às onze horas para poderem tomar banho, almoçar e ir para a escola que ficava em *Serra Branca*. Então perguntei como iam para a escola. Uma informante disse que:

“M.B. Eles sai daqui lá pelas doze horas e vão lá perto da casa de Zefa (Ligeiro de Cima). Chegando lá, eles pegam o carro dos alunos.” (LB, casada, 39 anos).

A distância percorrida por esses jovens é enorme, e as dificuldades se multiplicam no verão, já que as árvores perdem suas folhas e não deixam uma sombra. Além desse fator, existem as dificuldades que emanam de dentro da unidade doméstica e que exigem maior participação dos filhos no roçado dificultando a conciliação entre roçado e escola.

Uma informante disse que seus filhos pararam de estudar porque acreditavam que a agricultura dava mais.

“M.L. Abandonaram a escola porque acharam que a agricultura dava mais. É agora viu que não dá, aí a gente trabalha, trabalha e lucro é pouco demais. Só dá pra comer e olhe lá.” (LB, casada, 54 anos).

No *Ligeiro de Baixo*, os pais fazem sempre questão de que seus filhos freqüentem a escola, tanto os meninos como as meninas. Nesse interim, pode-se dizer que ocorre uma evasão por parte dos meninos antes do término da primeira etapa de escolaridade, já que os meninos são mais requisitados no trabalho do roçado. Como eles

não vêem muita perspectiva de poderem continuar os estudos, uma vez que têm que trabalhar no roçado até as onze horas, chegar em casa, tomar banho, almoçar e caminhar até o *Ligeiro de Cima* para pegar o carro e assistir às aulas até às cinco horas e trinta minutos, tudo isso favorece que os meninos desde cedo larguem a escola.

Todavia, as mães não aceitam esse desligamento dos filhos em relação à escola. Pois, para essas mulheres, a agricultura não dá mais nada, e vêem, como alternativa para melhorar as condições dos filhos, o estudo.

Através dos depoimentos dessas mulheres, percebe-se que elas têm uma sobrecarga de trabalho, entretanto, em suas falas, nota-se que não o valorizam, uma vez que o consideram apenas uma ajuda ou complemento ao trabalho do homem. Reforçando, assim toda uma estrutura social fundamentada no sexo. Nesse sentido, a mulher desempenha um papel fundamental na transmissão desses valores. E, também nesse sentido, convém retomar as análises realizadas por Henri LEFEBVRE (1991) que expõe que, sobre a mulher, o peso da cotidianidade é maior.

2.4 - A pesquisa

As preocupações com o tema desta pesquisa iniciaram-se a partir das leituras realizadas nas disciplinas *Sociedades Camponesas* e *Tópicos Especiais em Relações de Gênero*, ministradas no Mestrado em Sociologia. Na disciplina *Sociedades Camponesas*, as leituras a nível micro-sociológico foram importantes na medida em que permitiram compreender a especificidade do campesinato e da problemática que o envolve. Com relação à disciplina *Relações de Gênero*, as leituras foram me proporcionando a delimitação da problemática que envolve a mulher. Entretanto, alguns espaços foram se tornando a cada dia mais explícitos para mim, na medida em que algo de não manifesto, de encoberto ia-se revelando através dessas leituras e, ao mesmo instante iam surgindo esses questionamentos:

- Que valor a mulher atribui ao seu trabalho?
- Qual a importância das tarefas executadas pelas mulheres para a manutenção da unidade doméstica?
- O papel desempenhado pela mulher corrobora ou contradiz o modelo tradicional?

Esses questionamentos já eram importantes em virtude de minhas relações teóricas com o assunto, entretanto foram tomando novas direções no decorrer do processo de pesquisa.

Aceitando a orientação da coordenadora do Mestrado, *Ghislaine Duqué*, de realizar a pesquisa de campo no *Cariri Paraibano*, visitei a comunidade pela primeira vez em março de 1994. Após essa visita, tratei logo de esboçar o projeto de pesquisa, pois a ansiedade de partir logo para a pesquisa em si tomou conta de mim. E, em fevereiro de 1995 já estava "pronta" para realizar as entrevistas com as mulheres, nas suas casas. Os atores sociais são, assim, professoras de primeiro grau, trabalhadoras domésticas e rurais.

Assim, com o propósito de compreender as mulheres em seu cotidiano, tendo como foco de atenção e ponto de partida, a análise da complementaridade entre vida e trabalho, fui em direção à comunidade a ser investigada, levando comigo todos os utensílios de trabalho, como o gravador, um bom estoque de pilhas, máquina fotográfica e um caderno de anotações. Todavia, estava claro, para mim, que o simples fato de escolher uma linha de pesquisa não era "tudo" para garantir a aquisição dos dados. Isso dependia do meu procedimento, da minha astúcia de captar a realidade observada e da minha capacidade de ver o que se passava frente aos meus olhos.

Um fato importante para apreender a realidade a ser observada foi poder ficar, numa de minhas idas ao campo, na casa de um dos moradores. Foi aí que pude observar o

cotidiano dessa população. Conversando, ao anoitecer, sentada com os moradores em frente às suas casas, indo à igreja, escutando seus comentários sobre o dia a dia, suas vidas, os nascimentos, as doenças, as mortes, as lutas, ora sendo solicitada a falar de mim. Posso dizer que fui adotada por eles. E seu universo foi surgindo com seu fracassos e suas vitórias, suas esperanças e seus desgostos.

Os depoimentos coletados foram selecionados, categorizados e analisados com base no quadro teórico-explicativo inserido no capítulo anterior. A apresentação dos resultados se fez acompanhar, em todos os momentos, de evidências empíricas obtidas por meio de gravação, e que aparecem na forma de transcrição.

O que fiz, portanto, foi um estudo de caso⁵, na forma de pesquisa exploratória e descritiva. Pela natureza dos problemas estudados e pela técnica de coleta empregada, trata-se de uma investigação qualitativa.

Meu universo de pesquisa contou com, aproximadamente, 35 mulheres dessa comunidade que, sistematicamente, trabalham tanto no âmbito privado como no âmbito público.

Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista e a observação. Com relação à entrevista, Tereza da Frota HAGUETTE(1987:75) a define da seguinte forma:

"A entrevista pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida. O processo de interação contém quatro componentes que devem ser explicitados, enfatizando-se

⁵ Para Menga LÜDKE e Marli ANDRÉ (1986) os estudos de caso visam à descoberta. "Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais, ele procurará se manter constantemente atento a novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo. O quadro teórico inicial servirá assim de esqueleto, de estrutura básica a partir da qual novos aspectos poderão ser detectados, novos elementos ou dimensões poderão ser acrescentados, na medida em que o estudo avance."

suas vantagens, desvantagens e limitações. São eles: a) o entrevistador; b) o entrevistado; c) a situação da entrevista; d) o instrumento de captação de dados, ou roteiro de entrevista."

Nesse sentido, a entrevista se constitui em uma

"interação entre dois indivíduos (sujeito observador e informante), sendo que o primeiro tenta obter do segundo, por meio de estímulos verbais parciais, respostas verbais que, uma vez sistematizadas, poderão reconstituir: a) um fenômeno observado pelo informante; b) um fenômeno do qual o informante participa ou participou; c) o fenômeno-informante."(Oracy NOGUEIRA, 1988:81).

Assim, com a intenção de ouvir o informante, é que trabalhei com entrevistas individuais, pois entendo que dessa maneira, torna-se possível compreender, não só a dimensão individual mas também a dimensão coletiva. Além das entrevistas, utilizei a observação, que se consubstanciou nas anotações diárias daquilo que era possível ver. Pois, logo percebi que o fundamental, nesse tipo de registro, é a descrição detalhada dos eventos. Nesse sentido, fui notando que me deveria deter em alguns aspectos que se estavam configurando, para mim, como os mais importantes e apartir de então, dedicar a eles maior atenção, haja vista que era praticamente impossível registrar tudo. Tal fato, inicialmente, era motivo de ansiedade e preocupação. Paulatinamente a ansiedade oriunda da preocupação, cedeu espaço à consciência de que o estudo se caracterizaria por uma visão singular, que carregaria, em seu bojo a ótica possível naquele momento.

Entretanto, no próprio processo de observação, por mais que tenhamos planejado com antecedência "o que" e "o como" observar para se chegar ao nosso objeto de pesquisa, a observação terá sempre a marca daquele que observa. *"Do mesmo modo, as observações que cada um de nós faz na nossa vivência diária são muito influenciadas pela nossa história pessoal, o que nos leva a privilegiar certos aspectos da realidade e negligenciar outros."* (Menga LÜDKE e Marli E.D.A. ANDRÉ, 1986:25).

Edgard MORIN esclarece, ainda, que

".....a atividade do cientista consiste numa operação de seleção de fatos; eliminação daqueles que não são pertinentes, interessantes, quantificáveis, etc. Dito de outra forma, nós operamos descobertas sobre a realidade, e é isto que no faz dizer que não existe fato puro, fato sem teoria...É necessário dizer que é graças a hipóteses, graças a pontos de vista teóricos que conseguimos selecionar e determinar fatos sobre os quais podemos trabalhar e fazer operações de verificações." (1990, tradução de Manuel Malagutti).

Portanto, de acordo com o autor, não é possível a disjunção entre o sujeito e o objeto, mas, pelo contrário, há uma imbricação. Somente

"a ciência clássica conseguiu neutralizar este problema: o 'sábio' - observador/conceptor/experimentador - estava sempre como um fotógrafo, fora de campo. Os limites do espírito eram suprimidos porque o espírito era suprimido. Assim, as observações eram o reflexo de coisas reais, e toda subjetividade podia ser eliminada através das observações e da verificação. Mas esta neutralidade é ilusória, pois o sociólogo não está apenas na sociedade, mas a sociedade está também nele." (Edgard MORIN, 1982:247-249).

Dessa forma, o olhar do pesquisador é muito seletivo. O que cada pesquisador seleciona para "olhar" depende muito de sua história pessoal e de sua bagagem cultural. Parafraseando Edgard MORIN, diria que não existe só o observador em si, mas que existe, ao redor de si, toda uma *hinterland* sociocultural de que o objeto não pode ser separado.

A observação foi utilizada neste trabalho por se constituir em um método de investigação que, associado a outras técnicas de coleta, permitiu melhor compreensão do cotidiano dessas mulheres.

"A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da 'perspectiva dos sujeitos', um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que

eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações." (Menga LUDKE e Marli E.D.A. ANDRÉ, 1986:26).

Fixada a comunidade a ser estudada, passei à elaboração do roteiro básico da entrevista. A partir da abordagem teórica, estabeleci categorias mais amplas para orientar as perguntas e a posterior análise das respostas.

À guisa de ilustração e, como forma de justificar a importância de uma comunidade rural do Cariri Paraibano, que, durante certo período, serviu como "cenário"⁶ à minha compreensão e explicitação do meu objeto de investigação, fez-se necessário entender os meandros da sua vida cotidiana, para identificar, a partir de suas particularidades, os critérios de escolha para o andamento deste trabalho.

Quando estava no processo de elaboração do projeto de pesquisa, pensava nas formas e maneiras de chegar ao objeto. Essas formas e maneiras pareciam bem definidas e não haveria grandes modificações no caminhar. Entretanto, a realidade nos leva a caminhos tortuosos, haja vista que os manuais de pesquisa científica estão repletos de ensinamentos de "como fazer", mas não explicam "como fizeram". Então, não se dá a compreender como o pesquisador havia imaginado, daí surge a necessidade de apreender a realidade a ser pesquisada, e, nesse sentido, existe uma diferença entre a estratégia inicial e o real apresentado. Diante desse quadro, o pesquisador vai se moldando às suas especificidades, e se encontrando a partir de trilhas determinadas pela própria natureza da pesquisa.

⁶ Para Erving GOFFMAN(1989:29) o cenário " *compreende a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos de pano de fundo que vão constituir o cenário e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele. O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo...*"

2.4.1 - A comunidade

A localidade do *Ligeiro* pertence ao município de *Serra Branca*⁷. Segundo os moradores, a origem dessa localidade se deu pela existência de um boi bravo que pastava nos arredores da lagoa da localidade, daí originando o nome. Essa lagoa serve de divisor natural entre o *Ligeiro de Baixo* e o *Ligeiro de Cima*. *Belo Monte* faz parte do segundo.

O acesso ao *Ligeiro*, partindo da sede do município, faz-se por transporte terrestre. A viagem de taxi dura aproximadamente dez minutos e é a mais utilizada pela população que visita a comunidade, ou seja, o taxi é mais utilizado pelos visitantes quando não viajam em seus carros particulares. Os moradores, quando precisam se deslocar para a sede do Município, se for na semana pegam carona no carro dos alunos e, se for no dia de feira, apanham um carro que faz a linha de *Serra Branca a Coxixola*.

Os moradores do *Ligeiro* estabelecem uma divisão espacial local que lhes permite situar-se no seu ambiente. Assim, eles distinguem, na própria comunidade, três divisões, que são conhecidas pelos nomes de *Belo Monte*, *Ligeiro de Cima* e *Ligeiro de Baixo*. A primeira é a área onde se concentra a menor parte da população que, na sua grande maioria, são descendentes dos Antoninos, fundadores da localidade.

A segunda é o *Ligeiro de Cima*, cortada pela estrada que dá acesso ao Distrito de *Coxixola*. Nessa área, foi erguida a Igreja de São Sebastião (Padroeiro) e a sede da associação dos moradores. É nessa área que está situada a lagoa que deu origem à comunidade.

Ligeiro de Baixo é a designação comum para um aglomerado de casas que ficam numa área mais afastada do *Belo Monte* e *Ligeiro de Cima*. O acesso a essa

⁷ Anotações de uma professora que mora em *Serra Branca* mas que é natural do povoado do *Ligeiro*. Seus pais foram os primeiros moradores que ali se estabeleceram. (E3, professora aposentada, 54 anos, residente na sede do município).

localidade, via *Ligeiro*, dá-se a pé, de bicicleta, moto ou a montaria, pois é necessário passar por uma estreita parede de um açude, e, depois, andar mais ou menos uns vinte minutos por um serrote. As habitações são distribuídas de maneira muito esparsa, havendo, mesmo às vezes, uma grande distância entre uma e outra casa, sendo o acesso e a comunicação entre elas feitos através de "caminhos".

As casas, no *Ligeiro*, na sua grande maioria, são construídas com tijolos. A cobertura é de telha. O padrão normal de habitação é a casa de quatro cômodos, constando de sala, dois quartos e cozinha. Em geral, os quartos não têm portas, isso foi mais constante no *Ligeiro de Baixo*. Na sala, quando as famílias têm condição financeira melhor, pode-se ver um jogo de sofá, com uma estante e algumas peças decorativas. Quando não a possuem, na sala, há apenas uma mesa que é utilizada, tanto para as visitas como para os moradores da casa, durante as refeições.

A mobília das casas varia muito, constando de bancos, mesas, guarda-roupa, cama de casal e fogão de lenha. Algumas mais bem equipadas, possuem um armário para louça, cadeiras, fogão a gás que, inclusive, é usado em raras ocasiões, ou para fazer coisas rápidas; dessa forma, servem mais como indicador de uma situação financeira melhor. Quase todas as donas de casa possuem máquina de costura e, em várias casas, existem rádio a pilha e ferro a carvão; se for o caso dos moradores do *Ligeiro de Baixo*, já que, nessa localidade, não existe energia elétrica. Sendo assim, o rádio torna-se o objeto mais valorizado. Enquanto, no *Ligeiro de Cima* e no *Belo Monte*, as famílias, em sua grande maioria, possuem geladeira, liquidificador, ferro elétrico e televisão. No que se refere a televisor, pode-se observar que a maioria o possui em preto e branco e somente seis famílias possuem televisor em cores; nesse caso, necessitam de antenas parabólicas.

Geralmente as casas do *Ligeiro de Cima* e no *Belo Monte* dispõem de um sistema de água encanada que funciona a partir de uma caixa d'água abastecida manualmente, ou seja, os filhos ou o marido enchem os tambores de água no barreiro e,

chegando a casa, depositam-na nessa caixa. Todavia, percebe-se o racionamento de água, desde a lavagem dos pratos à lavagem de roupas. Nesse último caso, a água da lavagem de roupa é utilizada no aparelho sanitário.

Enquanto a maioria das casas do *Belo Monte* e do *Ligeiro de Cima* dispõe de banheiros e latrinas, no *Ligeiro de Baixo*, são raras as casas que deles dispõem.

O abastecimento de água da casa depende dos barreiros na época do inverno e do açude na época do verão. Ela é consumida com hipoclorito doado pelo agente de saúde da comunidade. As pessoas retiram água do barreiro ou do açude e a depositam nos potes, antes a coam. Se tiverem filtros, depositam-na ali e põem o cloro. Como na época da pesquisa, “tinha ocorrido umas chuvinhas rápidas”, nos dizeres dos moradores, percebi que a água tinha uma cor amarelada. Na maioria das casas do *Ligeiro de Cima* e do *Belo Monte*, há um tanque de alvenaria cujo objetivo é acumular a água das chuvas. Mas, como no mês de abril de 1995, as chuvas foram poucas, os moradores o estavam enchendo com a água do barreiro. Desse tanque, as mulheres retiram água para a lavagem de roupas e para os animais do terreiro, como porcos, galinhas, perus.

2.4.2 - A seleção das mulheres

Pode-se dizer que não houve critérios de escolha para as mulheres, haja vista que trabalhei em uma pequena comunidade. Também não defini critérios de idade, embora tenham surgido, naturalmente, mulheres pertencentes à faixa etária entre 20 e 60 anos. As entrevistas, em sua grande maioria, continham um item geral com informações sobre estado civil, idade, número de filhos. Os outros itens foram distribuídos da seguinte forma:

- a) História de vida (família anterior e atual); origem (se é do município ou de outra localidade), e características gerais da família.

b) A vida diária.

c) Relações afetivas (com os filhos e o marido).

d) Relações com os vizinhos.

e) Trabalho (no roçado e na casa), bem como, se desempenham outras atividades.

Todas as entrevistas foram gravadas, com a concordância da mulher. A duração da conversa variou entre sessenta e noventa minutos. O contato se iniciava com uma breve apresentação do objetivo do estudo. Antes de abordarmos os itens da entrevista, eram realizadas perguntas de maneira informal, deixando a mulher falar à vontade, mesmo que avançasse em respostas a tópicos que, no roteiro, estavam localizados mais adiante. A conversa ocorreu em um nível bastante informal e, em todos os depoimentos, as mulheres foram solícitas e receptivas, demonstrando uma boa disposição para falar de suas vidas, de seu trabalho, enfim de seu cotidiano.

2.4.3 - Tratamento dos dados

O momento mais difícil do estudo foi a análise dos dados. Embora, ao longo do estudo, fossem emergindo as categorias, não foi fácil optar pelas falas e descrições que deixassem evidente, para o leitor, aquilo que estava claro para mim. Pois todas foram tão importantes que ficava difícil selecioná-las. E as dificuldades foram aumentando quando cheguei à etapa da comunicação através da escrita. Nessa etapa, sempre me questionava: Como colocar, no papel, a dinâmica dos fatos e dos eventos?

Os dados empíricos, colhidos nos depoimentos, foram submetidos a uma triagem, selecionando-se os que interessavam mais de perto ao objeto de estudo. Inicialmente, foi feita a transcrição integral e literal de cada entrevista das fitas gravadas para o papel. Em seguida, os depoimentos foram agrupados conforme as categorias já apontadas; a partir daí é que foi composto um texto limpo de expressões verbais repetitivas e frases desconexas ou redundantes, sem alterar o conteúdo da informação. Dessa forma, foram separadas as falas referentes às categorias apontadas anteriormente, separando-as de acordo com cada localidade visitada. A partir desse quebra-cabeça, foi possível proceder à análise dos dados que se consubstanciou em uma interpretação possível que, como sabemos não é a única.

Capítulo III
O COTIDIANO DAS MULHERES

3.1 - O cotidiano das mulheres

Nesse capítulo, as mulheres irão mostrar como transcorre o seu cotidiano, diretamente interligado com o cenário, que se traduz em um espaço que envolve a casa, o quintal e o roçado. Esse espaço é sempre variado e complexo, pois é delimitado e estabilizado em função das relações de vizinhança, quase sempre de uma instabilidade "corrigida" pela necessidade de apoio mútuo. E é nesse cenário que as mulheres irão atuar, e, nesse sentido, estarão encarnando, não uma fantasia e, sim, uma realidade.

"Entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante." (Peter BERGER e Thomas LUCKMANN, 1995:38).

Sem ter a ousadia de esgotar todos os ângulos possíveis ou de mostrar todos os atos que ocorrem nesse cenário, passo a descrever alguns momentos do cotidiano dessas mulheres.

Neste momento, torna-se necessário frisar que nesta forma de descrever está expressa a minha forma de ver, compreender e interpretar os momentos escolhidos.

3.2 - Todo dia é a mesma coisa

Baseando-me nas minhas pesquisas observei que as atividades diárias do *Ligeiro* começam sempre por volta das cinco horas da manhã, com as mulheres se levantando quando o dia começa a clarear para iniciar as tarefas diárias. Seu primeiro trabalho é preparar o café para a refeição da manhã. Para o agricultor, elas se iniciam por volta das seis horas da manhã, quando sai de casa e, geralmente, acompanhado por seus filhos, dirige-se ao curral para ordenhar as vacas. Terminado esse serviço, ele traz o leite nas latas de querosene, e a mulher, por sua vez, já o espera para coar e medir o leite. Geralmente, tomam café lá pelas sete horas. Essa primeira refeição é composta por cuscuiz, leite, queijo e café. Após essa refeição, dirigem-se ao roçado, só retornando ao meio-dia para o almoço.

Observei, ainda, que os homens fazem a refeição antes das mulheres. Logo depois, medem o leite para vender na fábrica de queijo; uma parte do leite fica em casa, tanto para consumo como para fabricação de queijo, que pode ser vendido ou consumido pela própria unidade doméstica. Se for para a fabricação de queijo para o consumo, as mulheres medem mais ou menos quinze litros de leite para um quilo de queijo, depois acrescentam o coalho industrializado. Enquanto esperam o leite coalhar, as mulheres tratam de outros afazeres, como cuidar da casa, dar comida aos animais do terreiro, providenciar o abastecimento de água para a casa. Essa tarefa pode ser executada pelos filhos, que trazem a água dos barreiros e a depositam nos potes de barro. Depois desses serviços e de tomar um rápido café da manhã, ela sai para o trabalho no roçado, ou na escola, caso seja professora ou servente.

Para a maioria das mulheres do *Ligeiro*, essa é a batalha de todas as manhãs. Aquelas que têm filhas com mais de sete anos, nem sempre se incumbem dessas tarefas, pois é de costume dar tarefas domésticas às filhas⁸, ou seja, as mães costumam, desde cedo,

⁸ Para Rosiska Darcy de OLIVEIRA(1993:33) desde o nascimento, o sexo determina o lugar do indivíduo de um lado ou de outro da fronteira, primeira seleção que será reafirmada pela prática social.

transmitir os ensinamentos às filhas, já que necessitam liberar-se desses afazeres domésticos para se dedicarem às tarefas do roçado.

“A Mônica me ajuda. De manhã, eu preparo o café antes de ir pro roçado e aí da limpeza da casa e da limpeza dos pratos, Mônica toma conta de tudo e, quando eu chego, preparo o almoço. Aí as coisas está mais fácil. Eí.”(BM, casada, 55 anos).

Nesse caso, a mulher livra-se dessas tarefas e dedica-se quase que exclusivamente ao roçado. Todavia, se a mulher não tem quem a substitua nas tarefas domésticas, desdobra-se nas atividades da casa, do roçado, executando a primeira nos intervalos da segunda, por vezes, de madrugada ou à noite, contanto que não atrapalhem ou venham a prejudicar seu desempenho no roçado. A única tarefa doméstica que exige um horário rígido, é o preparo das refeições.

C. “... Muitas vezes cansei de varrer casa, lavar roupa dez, onze horas da noite. Cansei nesta hora tá engomando fazendo o serviço de casa. Hoje eu me sinto mais cansada já com 52 anos eu não tô mais podendo fazer o serviço da casa durante a noite aí eu não agüento aí não tô mais indo pro roçado. Só vou pro roçado no último recurso. Aí quando eu chego em casa, eu já chego cansada e não agüento fazer os serviços da casa.”(BM, casada, 52 anos).

Neste sentido, pode-se dizer que o trabalho doméstico é, basicamente, uma atividade reprodutiva porque, através dele, a mulher cria valores de uso, através dos quais, a unidade doméstica sobrevive rotineiramente. O trabalho doméstico compreende, entre outras atividades, cozinhar, lavar louças e roupas, limpar a casa, organizar o espaço doméstico, cuidar dos filhos e fazer determinadas compras - na feira. Além dessas atividades, as mulheres, ainda, trabalham no roçado e na indústria doméstica.

Na unidade doméstica, a organização está consubstanciada em

“... uma divisão social do trabalho segundo um modelo que atribui ao marido-pai e aos homens em geral o papel de provedor

de renda e à esposa-mãe o da prestação de serviços. Os papéis domésticos da mulher não são menos econômicos que os do marido pois, usando certos 'meios de produção' - panelas, frigideiras, fogão, etc. - e certas 'matérias-primas' - o alimento cru - e 'economizando' com os recursos disponíveis, ela produz certos bens (a comida cozida) e serviços a serem consumidos pelos membros da unidade doméstica segundo padrões socialmente definidos; ainda que de forma indireta, as atividades da mulher também geram renda, mesmo que - e por isso mesmo - não sejam remuneradas". (Klass WOOTERMAN, 1987:87-88)

Entretanto, algumas mulheres do *Ligeiro de Baixo* preferem o trabalho do roçado à fabricação de cerâmica, como nos relatou uma informante:

M.O. "Eu gosto mais do roçado. Eu sou mais doente nessa época de chuva porque não posso trabalhar no roçado. Quando eu ia pro roçado, era o dia todo." (LB, casada, 68 anos).

Outra do *Belo Monte* disse que prefere o trabalho no roçado ao trabalho em casa e justifica da seguinte forma:

"... trabalho em casa, trabalho de mulher é aquele repisado o dia todo. Mais se for pesar o trabalho do roçado, com o de mulher é igual a luta de casa. Trabalho é fazendo comida, assim que acorda tem que fazer o café, depois arrumar casa, depois é hora de preparar o almoço e todo dia é a mesma coisa não muda." E1(BM, casada, 55 anos).

O mesmo diz uma moradora do *Ligeiro de Baixo*.

"... trabalho de casa é tudo igual. A gente varre, lava, cozinha, arruma a casa e dá de noite às vezes tá fazendo a merma coisa e não acaba. Agora trabalhar na roça é mais melhor do que a casa porque a gente só faz aquilo, limpa ou broca ou colhe o feijão." MF(LB, casada, 32 anos).

As próprias mulheres não consideram o trabalho doméstico importante e, tampouco, gostam de fazê-lo, preferindo o trabalho no roçado. Esse caráter ordenado, que não muda, já faz parte da sua realidade cotidiana, que vem sendo reafirmada através das práticas sociais dos atores.

Essa aparente ordenação pressupõe que o trabalho doméstico, por ser exercido exclusivamente por mulheres, diferencia-se dos demais, porque é efetuado na casa, âmbito privado, confundindo-se com o próprio papel de mulher, na família. Ele é produzido para satisfazer as suas necessidades juntamente com a de sua família. Dessa forma, ele não está dividido com vistas ao aumento da produtividade como, geralmente, se faz no roçado. A execução dessas tarefas é praticamente idêntica em todas as casas e, nesse sentido, a mulher as faz isoladamente, podendo contar, às vezes, com a colaboração de outras mulheres⁹. O trabalho na agricultura, é realizado por homens, mulheres e crianças e é mais valorizado do que o doméstico. Esse fato ocorre porque seu produto tem valor de troca e seu resultado observável garante a sobrevivência do grupo doméstico, já que ele é a fonte monetária da família, principalmente, entre os moradores do *Ligeiro de Baixo*. Todavia, as mulheres das áreas pesquisadas não percebem que o trabalho doméstico, como qualquer trabalho, também é consumo, pois a força de trabalho da dona-de-casa é consumida no processo de produção e reprodução das pessoas.

Para Rosiska Darcy de OLIVEIRA (1993:100) a esfera

"... da vida privada se estrutura em torno de relações afetivas, obedece a contratos não escritos de ajuda mútua, não remunerada a não ser pela reciprocidade. Os termos desse contrato dizem respeito apenas a um número limitado de pessoas que se escolheram para partilhar o cotidiano e um diálogo intersubjetivo. A esfera privada é, portanto, acima de tudo, o lugar das interações espontâneas; as atividades que ali se desdobram e revestem-se de um caráter diferenciado das denominadas 'trabalho' ".¹⁰

⁹ Para Nicole Castan (1992:421) a gestão da casa se presta a evidentes formas de privatização. Naturalmente, a menos que pertença às classes superiores ou seja viúva, a mulher não participa da economia externa, mercantil; não a vemos concluir contratos nas feiras: a administração do patrimônio, a manipulação do dinheiro e do crédito não são de sua competência ostensiva.

¹⁰ Fundamentando-se nos dicionários da língua francesa do século XIX, Georges DUBY (1992), expõe que neste século a noção de vida privada adquiria seu pleno vigor e assim o verbo privar significava domar, domesticar... Em seguida descobre que o adjetivo privado, considerado de maneira mais ampla, conduz a idéia de familiaridade, agrega-se a um conjunto constituído em torno da família, de casa, de interior.

Em virtude de se situarem mais na esfera privada, as mulheres vivem em um mundo seu, no qual tecem suas relações sociais, por isso torna-se necessário conceber a vida privada como um espaço individual, haja vista que “ *é nos intervalos ou nos excessos das obrigações coletivas, o mais das vezes abertamente, que se deve ser situada; o que evidentemente não exclui a busca ocasional da intimidade (conjugal) ou do isolamento...*” (Nicole CASTAN, 1992:452).

Essas atribuições também se aplicam às mulheres que trabalham como professoras ou prestam outros serviços. Da mesma forma, procuram conciliar o trabalho no âmbito público com as atividades de casa. E, além disso, acumulam outros trabalhos como o de costurar.

Essa rotina pode ser rompida por motivo de doença. Fora esse caso, é rompida aos sábados, porque é dia de feira, aos domingos, porque consideram dia de descanso. Mas, se por acaso, precisarem trabalhar nesse dia não há problema, todos executam as suas tarefas. No domingo, é comum a visita de parentes que moram nas áreas vizinhas. E, nos dias santos quando as atividades fora de casa são paralisadas.

Logo que amanhece, começa a movimentação de pessoas nas casas, pelos caminhos do *Ligeiro*. Alguns se dirigem ao curral para ordenhar as vacas, outros vão soltar a criação de cabras, outros dirigem-se às escolas, se for o caso das professoras. O movimento se intensifica aos sábados, porque é o dia da feira em *Serra Branca*. Nesse dia, as mulheres deixam as tarefas do roçado e de lecionar e dirigem-se à feira. Na maioria dos casos, são elas que fazem as compras.

E1. “Sempre, desde que casamos. Ele (marido) disse que esse negócio de fazer feira é negócio de mulher. Ele nunca gostou de fazer feira.” (BM, casada, 55 anos).

No Belo Monte, estão concentradas as famílias das professoras. Em sua grande maioria, são funcionárias públicas e têm apenas o magistério, que corresponde ao segundo grau. Quando perguntei o que fazia do salário, uma informante disse:

M. "É pra manter a casa de tudo. Até a feira, esse negócio de poupança eu nunca fiz. Às vezes, o ganho do marido era pouco e eu mantinha a casa sozinha. O dinheiro que ele apurava era pouco só dava prá manter o gado, era prá comprar ração e torta. É pra ir sustentando a casa, às vezes, vendia uma cabra, um garrote. Mais a manutenção da casa sou eu." (BM, casada, professora, 50 anos).

De segunda a sexta-feira, por volta das sete horas, começa também a circulação das crianças que se dirigem à escola; apesar de a aula se iniciar às sete horas e trinta minutos, elas preferem chegar cedo para ficar brincando no pátio da escola.

A escola da comunidade tem duas salas de aula, é toda pintada de amarelo e suas janelas e portas, de azul. Na época da pesquisa, observei que a maioria das carteiras estavam quebradas. Como reservatório, é utilizada uma caixa d'água que serve para os alunos lavarem as mãos e para a própria limpeza da escola.

A aula só começa às sete horas e trinta minutos. É quando as professoras se liberam provisoriamente, das tarefas de casa. Pois, quando ocorre o intervalo - nove horas - as professoras correm para casa com o intuito de fazerem alguma coisa, como por exemplo, dar andamento ao almoço.

Os homens do *Ligeiro* são, na maioria, agricultores; quando chegam do roçado, tomam banho e dirigem-se à sala para ficar conversando com os trabalhadores ou com os filhos, ou assistem à televisão. Enquanto isso, as mulheres vão preparando o almoço. Vale frisar que elas retornam mais cedo do roçado para fazer o almoço.

Geralmente, às doze horas, é realizada a segunda refeição, que consiste, basicamente, de arroz, feijão, carne salgada e farinha de mandioca. Após o almoço, as mulheres vão cuidar dos afazeres domésticos, como lavar os pratos, fabricar o queijo e limpar a casa. À tarde, algumas retornam ao roçado. Os homens aproveitam esse intervalo depois do almoço para descansar, e retornam ao roçado às catorze horas.

No fim da tarde, todos voltam para suas casas; as mulheres preparam o jantar que, na maioria das vezes, é o mesmo do almoço, ou fazem um lanche, constituído de cuscuz, leite, café, ovos e queijo (isso na época do inverno, e para os moradores que disponham de criação). Depois do jantar, os homens dirigem-se para a sala a fim de assistirem à televisão. Quando não possuem o aparelho, dirigem-se para a casa dos que o possuem, enquanto as mulheres ficam limpando a cozinha.

Capítulo IV

O objetivo deste capítulo é fazer uma reconstituição das condições em que se realiza a participação das mulheres na unidade doméstica, principalmente, no que se refere à sua participação no roçado e na criação de gado.

A exposição das condições concretas de trabalho, da forma como se dá sua organização e sua prática, torna-se indispensável para compreender as representações das mulheres. O modo como os elementos do mundo do trabalho se configuram, na esfera doméstica, está intimamente imbricado no modo como as mulheres concebem o seu próprio trabalho.

Este capítulo servirá , enfim, para apreendermos que as características desse tipo de participação são determinantes na avaliação das mulheres quanto aos motivos que a justificam; para compreendermos as avaliações que as mulheres fazem das condições de seu trabalho no que se refere aos espaços já citados anteriormente.

TRABALHO DE MULHER É AQUELE REPISADO

4.1 - Mulher e o roçado

Através dos resultados dos dados obtidos sobre a categoria *trabalho*, foi possível observar que não há uma rígida divisão sexual do trabalho, no sentido de que as mulheres ficam em casa, e os homens trabalham no roçado. Pelo contrário, as mulheres, além de desempenharem todas as tarefas relativas à criação dos filhos, à preparação da alimentação, à limpeza de casa, à criação dos animais que estão no terreiro, caso os tenham, ainda trabalham na roça e na indústria doméstica.

Essa dupla responsabilidade do trabalho inviabiliza o papel produtivo das mulheres, devido ao fato de que, nas áreas rurais, as fronteiras entre trabalho produtivo e reprodutivo não são precisas. Por exemplo, na área pesquisada, as atividades desenvolvidas pelas mulheres no trato dos animais menores, como galinhas, perus, porcos e na horta, são consideradas, por elas mesmas, trabalho doméstico, porque essas atividades são realizadas ao redor da casa - terreiro-. E, quando trabalham no roçado, seu é considerado ajuda.

Assim, pode-se dizer que as mulheres procuram conciliar as diferentes tarefas, mesmo trabalhando fora da unidade doméstica, como é o caso das professoras que conciliam as aulas com as tarefas no roçado.

L. "Eu só vinha pra cá no sábado e no domingo. Mais mermo assim, de vez em quando, eu ia ajudar a apanhar feijão, milho e, plantar." (BM, solteira, professora aposentada, 69 anos).

Apesar de contribuir para a manutenção da casa através da comercialização da cerâmica, as mulheres, principalmente no *Ligeiro de Baixo*, têm que trabalhar com mais

intensidade na lavoura, haja vista que seu marido e seus filhos são obrigados a alugar a sua força de trabalho.

M.F. "Trabalho. Faço de tudo, de cavar até plantar,limpar. Eu só não faço cultivar." (LB, casada. 32 anos).

Outra informante afirmou que:

E1. "Ajudo a plantar, ajudo a limpar, ajeito canteiro, agou perto do açude, gosto de plantar semente de gerimum, gosto de limpar. Sempre fico fazendo uma coisa e outra. Faço tudo no roçado, só não faço cultivar. Eu nunca peguei num cultivador. Eu não tenho paciência. Mas esse ano mesmo eu cavei. Fazia alguns anos, eu só fazia plantar." (BM, casada, 55 anos).

Essa concepção de que apenas "ajuda"¹¹, decorre da própria divisão tradicional do trabalho que outorga a homens e mulheres formas diferenciadas de inserção, existindo uma identificação cultural entre as atividades e os papéis de cada um dos sexos. E é assim que, em termos ideológicos, em nossa sociedade, a mulher é concebida como a responsável pela reprodução social do grupo familiar, quer dizer, do trabalho doméstico e da reprodução da força de trabalho.

Dessa forma, observa-se que o roçado pertence, também, à esfera feminina. No ciclo agrícola, as mulheres participam na produção do roçado que se concretiza nas tarefas tais como: depositar as sementes na cova, limpar o roçado, apanhar (colher) os produtos. Assim, pode-se dizer que o roçado pertence, tanto à esfera masculina como à esfera feminina.

¹¹ *A esse respeito, HEREDIA, GARCIA e GARCIA JR. apud Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONI (1992:70) assinala que: "Se o lugar do homem é o roçado, o lugar da mãe de família, é a casa... A casa não se restringe ao espaço físico ocupado pela construção, mas inclui também o terreiro (quintal), que a rodeia, local onde se cria a criação (aves de curral, cabras e porcos)... As atividades que esses animais demandam são também, como a casa, responsabilidade feminina e não reconhecidas como trabalho... entretanto, mesmo que as atividades que se realizam no roçado sejam consideradas trabalho por oposição às atividades próprias da casa, entre as atividades agrícolas há algumas tarefas que são especificamente femininas, tais como semear ou limpar os cultivos, tarefas essas que, na medida em que são realizadas pelas mulheres perdem o caráter de trabalho e passam a ser denominadas como 'ajuda'".*

No *Ligeiro de Baixo*, como já expus, anteriormente, a participação das mulheres no trabalho do roçado torna-se maior. Isso ocorre devido ao assalariamento de seus filhos ou do marido, principalmente, na época das chuvas quando os chefes das unidades domésticas do *Belo Monte e Ligeiro de Cima* necessitam de seus trabalhos.

Esse assalariamento decorre da pequena extensão de terras que têm para cultivar e, nesse caso, só resta alugar a sua força de trabalho. Na maior parte das famílias entrevistadas, verificamos que a propriedade não ultrapassa cinco hectares.

Assim, a escassez de terras obriga os membros da família a procurarem outros meios para sobreviver, propiciando a multiplicidade de interesses e a fragmentação da família, uma vez que ela não pode usar a propriedade como base para sua consolidação. (Eric WOLF, 1970:100).

No caso em questão, as famílias recorrem ao trabalho alugado temporário como uma estratégia para garantir a sobrevivência da unidade doméstica. Os trabalhadores temporários são requisitados para trabalhos periódicos de colheita ou limpa do roçado.¹²

Encontramos um caso em que o terreno é tão pequeno, no *Ligeiro de Baixo* que não dava para a manutenção da unidade doméstica, uma vez que a produção era reduzida. Nessa circunstância, a família buscou outra estratégia, que foi a de recorrer aos terrenos de outras pessoas e, nessas circunstâncias, plantam de terça. E, para completar a renda da família o chefe, ainda, é obrigado a trabalhar de alugado.

- P. Vocês trabalham de alugado ?

H. Trabalham.

- P. Por quê?

H. É a terra que é pouca e aí a gente precisa trabalhar nas terras dos outros. (LB, casada, 56 anos).

¹² José Tavares dos Santos (1978) denomina o trabalho alugado como trabalho acessório, ou seja, periodicamente o camponês transforma-se em trabalhador assalariado, essa transformação periódica constitui uma fonte de renda monetária suplementar na unidade camponesa.

Outra disse:

M.F. "Olhe, a terra é pouca. Assim o meu marido tem que trabalhar de alugado. A terra cercada é pouca e não dá pra plantar. É quando ele trabalha de alugado, eu e minha mãe toma conta de tudo." (LB, casada, 32 anos).

De acordo com os depoimentos acima observa-se que a família possui a propriedade da terra. Entretanto ela não livra o marido da dependência da propriedade de outrem e, também, da venda de sua força de trabalho para outros proprietários. Em síntese, é necessário destacar que o acesso à terra em quantidades e qualidade suficiente, é uma condição preliminar e um componente obrigatório para a reprodução da unidade doméstica.

No caso estudado, observa-se que o trabalho alugado é mais acentuado nos períodos de pico do ciclo agrícola. E nesse afastamento temporário dos maridos, as mulheres da unidade de produção, juntamente com os filhos, passam a controlar desde a casa ao roçado. Sendo assim, a distribuição do tempo das mulheres,

"... entre trabalho produtivo e doméstico-reprodutivo é bastante generalizado entre as camponesas, encontrando-se que a maior pobreza diminuem as horas dedicadas ao espaço doméstico e aumentam o tempo dedicado ao trabalho produtivo. [...] Todavia, a percepção das mulheres em sua atividade mais importante, tanto em termos de horas destinadas à realização como de responsabilidade está relacionada com o lar e com a família. Deste modo, as mulheres pensam em si mesmas primeiro como donas-de-casa e segundo como produtoras ou trabalhadoras." (Pilar CAMPAÑA, 1992:23).

Geralmente, os homens do *Ligeiro de Baixo* alugam a sua força de trabalho para as unidades domésticas do *Ligeiro de Cima* ou *Belo Monte*. O contrato é por diária e o trabalho se destina, em sua maioria à limpa do roçado. A diária pode diminuir se o contratante oferece almoço e jantar. Os contratados recebem o pagamento em dinheiro, o que pode ser feito no final de cada dia, ou no final de semana, conforme o combinado.

- P. *Você contrata trabalhadores para o serviço do roçado?*

R. *Eu chamo 1 ou 2. Eu alugo por dois, três ou quatro dias, isso mais no inverno. Você viu os negros tigelas, são eles que vêm pra cá.*

- P. *Quanto você paga?*

R. *Quatro real. Os tigelas ganha três real por dia porque come aqui três vezes ao dia. (BM, casado, 58 anos).*

Quem contrata as pessoas para trabalhar de diária no roçado é sempre quem os escolhe e estabelece o contrato.

Quando o marido e os filhos necessitam trabalhar de alugado, as mulheres tomam a direção da unidade doméstica. Uma informante confirma essa situação e diz que, nessas circunstâncias, ela precisa tomar conta de tudo.

- P. *O seu marido trabalha de alugado?*

M.F. *Trabalha.*

- P. *Quanto é a diária dele?*

M.F. *Cinco reais.*

- P. *Quando ele tá trabalhando de alugado quem toma conta do roçado?*

M.F. *Como meus filho é pequeno, aí eu tomo de conta de tudo. Aí faço tudo. Vou pro roçado, limpo, planto, cuido dos bichos. (LB, casada, 32 anos)*

Diante dessa entrevista, pode-se dizer que as esferas de domínio masculino e feminino podem ser relativizadas, dependendo do momento de desenvolvimento do ciclo de vida doméstica em que está situada a família, como é o caso de famílias com idosos, ausentes ou doentes. No caso explicitado acima, percebemos que as mulheres assumem a direção de tudo quando seus maridos vão trabalhar “de alugado”.

H. *“Faço tudo. Sou responsavi de tudo. Porque meu marido é um home doente [..] De trombose, sofreu duas vezes. Tem problema de cabeça. Sou eu que realizo tudo. De casa a feira. Dirijo tudo da casa ao roçado.” (LC, casada, 56 anos).*

Há casos em que a mulher com filhos e, na “ausência” do marido, considera-se a si mesma produtora e chefe do lar.

"Isto nos sugere que a presença de um homem adulto no lar debilita ideologicamente a percepção da mulher, no seu verdadeiro papel que ela julga como produtora, mesmo nos casos em que o homem trabalhe secundariamente no campo. Nas circunstâncias, por exemplo, em que o homem se encontra ausente grande parte do ano ou quando é enfermo... Em ambos os casos, suas esposas se consideram somente como uma ajuda em termos de produção." (Pilar CAMPAÑA, 1992:23).

A oposição roçado/casa exprime essa divisão do trabalho por sexo, sendo o lugar ideal da atividade do homem/pai de família, o roçado, e o lugar da atividade da mulher/mãe de família, a casa. Esses produtores entendem que a atividade masculina é trabalho, por representar o momento da produção, enquanto a feminina, por estar ligada ao consumo, não o é. Segundo Beatriz HEREDIA(1979:79), a autoridade no grupo doméstico acaba sendo destinada ao homem/pai de família.

As roças que são preparadas anualmente, não necessitam de um grande número de trabalhadores. Haja vista que as características da roça familiar são o consumo doméstico; tecnicamente as tarefas podem e são divididas entre os membros da família. E, nesse sentido, Alexander CHAYANOV (1985) expõe que o produto camponês é o único e serve para satisfazer o consumo familiar.

Assim, as mulheres participam tradicionalmente do cultivo, principalmente nas tarefas de semear e de limpar as plantas já crescidas; sempre que as figuras masculinas estão em falta, elas realizam todo tipo de tarefas no roçado. Dessa forma, entram em contradição quando afirmam que apenas ajudam.

Tomar de conta de tudo implica tomar conta dos espaços que vão desde a casa ao roçado. Diante dessa informação, percebe-se que a dicotomia entre casa/roçado desaparece. Não apenas ao nível do discurso, mas na própria prática dos atores sociais.

Nas unidades de produção familiar, as mulheres fazem parte da lógica da produção, não na simples condição de trabalhador, mas de mulher, já que essa forma de produção repousa no desempenho de papéis femininos e masculinos. (Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONI, 1992).

Assim, o uso do tempo não é definido a partir de uma divisão entre tempo de trabalho na casa e fora dela, como ocorre nas relações de assalariamento em que as mulheres têm uma dupla, tripla jornada de trabalho. Nessa localidade estudada, observei que há uma imbricação entre casa e roçado.

As mulheres do *Ligeiro de Cima* e do *Belo Monte* participam das tarefas do roçado como da casa. No caso das mulheres que ensinam, procuram conciliar a escola com os afazeres da casa. Devido às circunstâncias já mencionadas, as mulheres do *Ligeiro de Baixo* necessitam trabalhar com mais intensidade, haja vista que seus filhos e maridos são obrigados a trabalhar de alugado. Nesse sentido assinala Lourdes BENERIA (1970:14):

"... as atividades das mulheres tendem a diferenciar-se segundo as hierarquias de classes rurais. Apesar de as instituições patriarcais afetarem as mulheres de todas as classes sociais, existem importantes diferenças no trabalho das mulheres desde que o acesso à unidade doméstica tenha os recursos produtivos."

Embora as mulheres realizem todo tipo de trabalho, ele será sempre menos valorizado. Isso porque não é valorado em função de suas características próprias, mas conforme a posição (desigual) que homens e mulheres ocupam na hierarquia familiar.

Entretanto, se, por um lado, *"a ideologia oculta o trabalho 'pesado' que as mulheres efetivamente realizam na terra, por outro, exprime claramente o trabalho 'leve' da casa, do qual ela é titular"*. (Mireya SUÁREZ e Marlene LIBARDONI, 1992:32)

H. "Eu tanto faz tá plantando milho feijão, limpo mato, faço cerca, trabalho em tudo, faço tudo." (LB, casada, 56 anos).

Então a divisão entre trabalho maneiro e trabalho pesado existe apenas a nível das representações sociais. Dessa forma, tais atribuições ao trabalho da mulher são frutos da própria sociedade que obedeceu durante muito tempo à idéia de valorização da dona-de-casa, ou seja, *"a instrução concedida à mulher se destinava para seu futuro de esposa e mãe"*. (Maria Inácia D'ÁVILA NETO, 1994:38). Portanto, a construção de um modelo representado pela mãe abnegada e sofredora acarretou sua completa *"desvalorização, profissional e intelectual."* (Margareth RAGO, 1987:65).

Todavia, existe uma tarefa que a maioria das mulheres do *Ligeiro de Baixo* afirmam não realizar, pois é tarefa de homem.

M.F. *Faço tudo de cavar até plantar, limpar eu só não faço cultivar*
 - P. *Por quê?*
 M.F. *Cultivar é pesado, é serviço pra home. (LB, casada, 32 anos)*

Entretanto, esse serviço é executado por uma mulher no *Belo Monte*, que aprendeu com o pai quando era solteira.

C. *"No inverno, eu planto roçado, eu cultivo, eu planto canteiro, faço os serviços do roçado. Limpo mato de enxada e ainda cultivo no cultivador. [...] Até o cultivador eu cultivo, com o boi nas rédeas e tudo."* (BM, casada, 52 anos).

Outra afirma que, em uma época de necessidade, já brocou.

E2. *"Limpo, apanho feijão, milho, gerimum, melancia tudo o que tiver no roçado. [...] Se for preciso ainda arranco toco. Toro os matos. Essa frente daqui tudim foi eu que cortei. Era cheio de algaroba. Eu terei tudim quando era de tardizinha a gente tocava fogo."* (LC, casada, 57 anos).

Através dos depoimentos acima, pode-se perceber que a mulher pode realizar qualquer atividade no processo produtivo. Negando, assim, determinados argumentos que,

fundamentados na natureza ou condição de mulher, justificam que elas não podem realizar trabalhos pesados.

De acordo com a informação acima, pode-se dizer que não existe trabalho na agricultura de que a mulher não participe, mesmo esporadicamente. Porém, indagadas se trabalhavam no roçado, afirmam que apenas ajudam os maridos.

M. "Eu apenas ajudo a plantar feijão, milho, essas coisas de roçado." (I.C, casada, 54 anos)

Analisando o papel dos produtores Claude MEILLASSOUX (1978) afirma que:

"dado que a sua condição de esposa domina toda a sua vida e que as suas relações de conjugalidade predominam sobre as outras, [...] a mulher estará escondida por detrás do seu esposo, veículo de todas as relações sociais. O produto do seu trabalho será assimilado ao deste último."

A importância desses dados reside no fato de eles tornarem visível e real a participação das mulheres em todas as fases do processo produtivo agrícola. Outrossim, a real participação das mulheres no trabalho, não lhes confere o mesmo estatuto que aos homens. Ou seja, embora exercendo o mesmo trabalho, elas não são consideradas iguais aos homens. Trabalho idêntico não significa igualdade social no sentido dos gêneros entre homens e mulheres. O trabalho não é causa de diferenciação entre homens e mulheres. Ela reflete essa diferenciação que pré-existe a ela e que infiltra todo o tecido social e não apenas a esfera do trabalho.

Essa questão é analisada por Eunice DURHAM(1983:33) ao assinalar que, na medida em que uma ocupação é definida

"... como 'ajuda' ao marido, e portanto subordinada e meramente complementar no que diz respeito à manutenção da casa, preserva-se totalmente a validade do modelo tradicional que

assim preserva totalmente sua força na definição da posição da mulher na sociedade."

Ou seja, sua posição no mercado de trabalho é influenciada pela posição que ocupa na família, definida pelo 'modelo tradicional de divisão sexual do trabalho' que lhe designa, prioritariamente, as tarefas ligadas à reprodução.

Nesse sentido, acrescenta Maria José CARNEIRO apud Mary G. CASTRO e Lena LAVINAS (1981), a subordinação da mulher na pequena produção camponesa já é dada por sua posição subordinada na família, o que faz com que sua participação na lavoura só ocorra em momentos de necessidade. Por ter a roça prioridade sobre a casa, o trabalho feminino é considerado secundário em relação ao do homem.

A pesquisa, nessa localidade, mostra que as mulheres participam de todas as tarefas do processo de trabalho agrícola, preparam a terra, semeiam, limpam e colhem. Não há, para os diferentes produtos, uma divisão. Assim, na fase de plantar (semeiar), a participação das mulheres aumenta, inclusive nessa fase é comum a participação dos filhos. O mesmo se pode dizer com relação à época da colheita.

Através desses depoimentos, percebemos que as mulheres participam de todas as fases do processo produtivo agrícola, desmitificando as concepções de que o trabalho no roçado é pesado e, portanto, é trabalho de homem, e que as mulheres só trabalham quando há precisão disso.

A mulher trabalha no roçado sob a responsabilidade do marido ou do pai. Nessa localidade, não há caso de assalariamento das mulheres. Segundo Fonseca (1992:179) existem duas razões para essa limitação:

"Primeiro, existe uma tendência cultural de querer minimizar o contato das mulheres com pessoas estranhas à família, especialmente homens. Trabalhar na roça de outros implicaria uma maior liberdade do que aquela tradicionalmente permitida.

A segunda razão é que o trabalho agrícola não isenta a mulher do trabalho do lar. A roça onde ela trabalha tem de ficar perto da casa permitindo alternar as suas responsabilidades nos dois lugares".

Na área pesquisada, observa-se que a maioria das famílias plantam milho e feijão consorciadas. E a produção está diretamente voltada para o consumo da unidade doméstica. Já plantaram algodão, mas por causa do bicudo, deixaram de plantá-lo. E justificam-se da seguinte forma.

M.O. "Feijão e milho a gente planta primeiro a gente come e o algodão ninguém come e quando vai vender o preço é baixo." (L.B, casada, 68 anos)

Outra disse que havia deixado de plantar algodão porque:

"... dá trabalho e o que paga pro algodão é pouco e é muito trabalhoso né, demora pra dá. Ai não compensa." (L.B, M.B, casada, 39 anos)"

Então, resolvi perguntar qual o tipo de algodão que plantavam. Uma informante deu a seguinte resposta:

C. "Plantava o herbáceo e o mocó. Plantava os dois. Nos terrenos nos altos plantava o mocó que era melhor porque planta e passa quatro ou cinco anos só botando sem plantar mais. E nas vazantes que cobre todos os anos a gente só planta o herbáceo. Porque só passa um ano ai morre. Ai a água pode cobrir." (BM,casada, 52 anos)

Antes da praga do bicudo, a cultura do algodão estava consorciada à cultura do milho e do feijão. Como as propriedades são pequenas e atrelado à praga do bicudo as famílias deixaram de cultivar. Preferem a cultura do milho e do feijão. Na comunidade estudada, *"a agricultura se limita às necessidades de consumo da família e no abastecimento do rebanho. Ela ocupa de 2 ou 3 hectares , a uns 20 no máximo, segundo o tamanho da propriedade familiar"*. (Dados colhidos pela equipe interdisciplinar do Cariri

Paraibano, coordenada pela professora Ghislaine DUQUE e com a participação de Marianne COHEN, Cristina MARIN e Maria de JESUS em 1987.)

O ciclo de trabalho no roçado está consubstanciado em quatro atividades que são: a **broca** (preparar o terreno), plantar, limpar e colher.

A primeira etapa da preparação do terreno é a derrubada do mato. A madeira é aproveitada como lenha para o uso doméstico, sendo carregada do roçado para o terreiro pelo marido ou pelos filhos, mas, quando estão sobrecarregados, são as mulheres que a executam.

Em seguida, vem a **planta** que é como se designa no *Ligeiro*, a atividade do plantio propriamente dito. Nessa etapa, o trabalho se divide entre homens e mulheres, cabendo aos primeiros, fazerem as covas, enquanto as mulheres vão semeando. Terminado o plantio, após um certo período, vai-se proceder à primeira limpa, evitando com isso que o capim prolifere.

E, finalmente, ocorre a colheita dos produtos que serão, mais tarde, armazenados. Nesse período, é comum as famílias alimentarem-se de feijão e milho verde. Para Claude MEILLASSOUX (1978:63), o ciclo agrícola das sociedades domésticas se divide em períodos improdutivos e produtivos

"... o ciclo agrícola começa necessariamente com um período agrícola improdutivo durante o qual se efetua a inversão da energia humana na terra, para a preparação e desmatamento, a semeadura, a manutenção, a capina, etc. É seguido de um período produtivo durante o qual se efetua a colheita. Mas para permitir a realização deste ciclo, é assim indispensável que o produto da estação produtiva seja suficiente, durante o período improdutivo, para manter a vida e a força dos produtores."

Assim, no roçado, trabalham todos os membros da unidade doméstica e, por seu trabalho não recebem nenhuma remuneração, uma vez que o produto do roçado é que vai garantir a sobrevivência da unidade doméstica.

Na época de pico do ciclo agrícola, é comum que a família se transfira para o roçado, isso desde que não tenham filhos em idade escolar. Nesse sentido, afirma uma informante:

E2. “No tempo da escola, a gente volta onze horas e quando não só chega às quatro da tarde. Cozinha lá, o comer feito do roçado é gostoso demais. As vezes, levo assim cozinho aqui e levo prá comer lá. Mais assim né muitas vezes a maioria tudo é feito lá. Porque lá tem panela, jarro de água e vasilha de café aí a gente só leva as coisas e faz lá.” (LC, casada, 57 anos).

A agricultura, no *Ligeiro de Cima*, é uma atividade à qual se dedica a maioria das mulheres e, dessa forma, acumulam o trabalho nos roçados e seus afazeres domésticos. As roças são cultivadas em áreas geralmente afastadas das casas, o que provoca um deslocamento constante das mulheres.

- P. O roçado é longe?

M. É longe. É quase quatro quilômetros daqui até lá [...] Ai vou a pé. Vou e volto. (LC, casada, 54 anos).

A época em que as mulheres mais trabalham no roçado é no inverno já que têm que limpar o roçado, plantar e limpar novamente. E, no verão cuidam apenas dos bichos.

E2. “ No verão a gente só trata de bicho. Trazer ração de lá pra cortar aqui pra dá pros bichos. Assim a gente pega a palma corta e dá pros bichos às vezes dá torta. Ai, nessas épocas tudim trabalha.” (LC, casada, 57 anos).

A criação do gado, tradicionalmente, é uma tarefa masculina, mas no verão todos os membros da família trabalham no sentido de alimentar o gado. Essa atividade, para

os moradores do *Belo Monte*, é a principal, por isso se definem antes de tudo como ‘criadores’.

Assim como no *Ligeiro de Baixo*, as famílias do *Ligeiro de Cima* e *Belo Monte* cultivam o milho e o feijão. Desse último, o tipo mais cultivado é o feijão macaça. Justificam a predominância desse tipo porque

“...dá menos trabalho. O feijão de arranque dá mais trabalho né se rende menos assim. O de arranque planta aquela coisa e para o macaça não quanto mais chove mais dá e haja feijão.” (LB, MF, casada, 32 anos).

Outro informante que reside no *Belo Monte* disse que era preferível plantar capim para o gado do que o feijão de arranque, uma vez que ele

“... rende menos e da trabalho tem que plantar pertinho do outro aí aquela covinha dá aquele fiapim de bage. Achei que era menos rendoso e plantei capim.” (BM, R, casado 58 anos).

Observando os roçados do *Belo Monte* e do *Ligeiro de Cima* percebi que há uma tendência de uma substituição da plantação de feijão e milho pela criação do gado. Para alimentar o gado nos períodos de seca, as famílias estão plantando palma forrageira e capim. Essa plantação não se restringe apenas ao roçado, mas ocupou os espaços do terreiro.

"A criação é semi-extensiva: o grosso de rebanho pastorea nas pastagens naturais da caatinga durante o "inverno" (ou seja durante as chuvas, nos anos "bons": de janeiro a julho). Quando esse pasto está esgotado, ele é levado para os cercados, onde encontra um pasto natural complementado, à medida que vai se esgotando, por uma alimentação composta dos restolhos das culturas, de plantas forrageiras, eventualmente de cactáceas e, em último lugar, de rações compradas. Os animais mais frágeis permanecem o ano inteiro nos cercados ou no curral onde recebem uma ração.” (Ghislaine DUQUÉ, 1991:7).

Além do feijão e do milho que são cultivados no roçado, geralmente, em toda unidade doméstica há árvores frutíferas, como a manga, a goiaba, o caju e o imbu. Algumas afirmam que já tiveram plantação de banana, mas devido às secas, essa plantação acabou.

As estiagens também acabaram com a plantação de macaxeira.

- P. Vocês plantam macaxeira?

E2. Não planta.

- P. Por quê?

E2. Porque nunca acha os negócios de plantar (semente-maniva). Plantemo algumas vez, ai essas seconas se acabou e nunca mais arrumou. E dá tão bom na plantação. (LC, casada, 57 anos)

Outro produto que já foi cultivado nessa localidade foi o algodão, mas, devido a uma praga de bicudo, deixaram de cultivar. Toda a produção é destinada ao autoconsumo da unidade doméstica. Por isso, armazenam toda a produção.

- P. E quando chega como agora, vocês estão prá colher. O que sobrou do ano passado vocês vendem?

E2. Não. Continua guardando. Dum ano passa pro outro. Uma vez ficou quase três anos. Enchemo o depósito cheio de milho e ai a gente vai tirando pra criação e pras galinhas, num sabe. Eu mermo agora tô comprando o fubá e o xerém, porque diminui o gasto do milho. (LC, casada, 57 anos)

Comprar fubá e xerém é uma estratégia de poupança do milho que, mais tarde, alimentará os bichos.

E2. "Comprar o xerém e o fubá sai mais barato do que gastar o milho. Assim também porque me acostumei." (LC, casada, 57 anos)

Através das entrevistas, pode-se perceber que uma grande parcela de mulheres trabalham no roçado mesmo que esporadicamente. Somente uma afirmou que não gosta de roçado e justifica, dizendo que a luta de casa é enorme e, além disso, tem que tomar conta da mercearia.

Nessa mercearia ,são vendidos alguns produtos essenciais de consumo local: sal, querosene para os lampiões, pilhas para as lanternas, alguns remédios - antibióticos e analgésicos - cigarros - por unidade e, raramente, por maço - alguns artigos de higiene pessoal e cachaça.

Como a maioria dos fregueses é composta por pequenos produtores ou pequenos criadores, é comum fazerem suas compras fiado para pagar no final do mês.

A proprietária dessa mercearia informou que contribui mais com a manutenção da casa do que o marido. Entretanto, em sua entrevista, observei que a mercearia em si não seria suficiente para manter a casa.

C. "A merciaria é fraca demais. Tem nome de merciaria mais o movimento é fraco. Quando esse real entrou esse dinheiro ficou muito curto. É assim só uma no lugar mais tem outras, aí fica dividido. Tudo que a gente ganha serve. Mais a gente cria gado, cria criação, galinha, tudo isso já ajuda." (LC, casada)

Como plantam somente feijão e milho, esses produtos não são suficientes para suprir as necessidades da unidade doméstica. Dai adquirirem nas feiras, os produtos que não há no roçado. Para comprar esses produtos, as famílias recorrem aos recursos provenientes da aposentadoria, da venda do leite ou de outros serviços, como transportar os alunos para as escolas de *Serra Branca*; podem também vender ovos ou algum bicho.

- P. Quer dizer que tem a aposentadoria e o transporte dos estudantes?
E2. Ainda tem o dinheiro do leite. O leite é milagre do céu. Porque é R\$ 25,30 (vinte e cinco reais e trinta centavos) ou R\$ 40,00 (quarenta reais) que a gente faz por semana né. Pronto aí a gente paga trabalhador, às vezes paga uma pessoa prá cultivar, que boi a gente não tem agora. Aí paga trabalhador e paga o necessário né. Compra essas coisas né. (LC, casada, 57 anos)

Através da entrevista, posso dizer que tudo o que a unidade doméstica possui, gira em torno da casa e do roçado. Por isso, há no *Ligeiro*, uma justaposição muito forte

entre as atividades realizadas pelos homens e as realizadas pelas mulheres. Por exemplo, a criação de porcos, teoricamente, pertence ao homem, mas na prática quem cuida desses animais são as mulheres. Todavia, vale salientar que o alimento para os porcos é produzido em parte, no âmbito doméstico e se concretiza nas sobras de alimentos e da horta. Mas, a maior parte é obtida através do roçado - palma forrageira - que está a cargo do marido. A produção de porcos tem orientação voltada para a comercialização. O dinheiro obtido com a venda dos porcos tem uma forte conexão e justaposição de responsabilidade do trabalho produtivo de homens e mulheres.

Uma informante disse que, para fazer a feira mais completa tem que vender um bicho.

- P. Quando a senhora quer comprar as coisas para dentro de casa o que a senhora faz?

M. Vendo um bicho e ajunto o dinheiro.

- P. A senhora é quem vende?

M. Não. Meu marido.

- P. O seu marido cria vaca?

M. Não. Só cria cabra. Quem vão dando cria e é macho ele vende quando é feme aí a gente deixa pra reproduzir. Quando os cabritim estão grande aí a a gente vende. Só vende quando dá no pêlo [...] Aí a gente vende um bichinho e o dinheiro aí a gente faz a feira. (LC, casada)

Através das informações, observa-se que, raramente, as mulheres possuem porcos, cabras ou gado. Isso não se aplica somente ao *Ligeiro de Baixo*. No *Ligeiro de Cima* e no *Belo Monte* ocorre o mesmo fato. Então resolvi perguntar por que não tinham esses bichos, mas somente, o seu marido. Uma informante explicou da seguinte forma:

- P. A senhora cria cabras?

M. Não. Nada ia pra frente. É assim como correia de couro. Porque só abortava era a minha, morria e desaparecia. Aí só tinha duas aí mandei vender. Não quero mais, não vai pra frente. Mais o meu marido diz que não tenho perseverança com nada. (LC, casada)

Apesar de algumas criações pertencerem à esfera feminina, isso não significa dizer que têm liberdade para vender, mas, pelo contrário, quando os animais estão no ponto de vender, são os homens quem os comercializam.

Nesse sentido, torna-se necessário ressaltar que a unidade doméstico-produtiva, vista da perspectiva de produção e reprodução, necessita de uma força de trabalho, a qual obtêm primeiro, na própria família e, depois, se tiverem algum capital, contratam-se trabalhadores. Desta forma, a concepção de sistema produtivo-doméstico redimensiona o papel de homem e mulher na reprodução do campesinato. (Pilar CAMPAÑA, 1992:25).

A maioria das famílias entrevistadas plantam milho e feijão, e os produtos comerciais são comprados na feira. No inverno, algumas famílias cultivam verduras no balcão ou no canteiro. Enquanto o primeiro fica situado, geralmente, no fundo ou ao lado da casa, o segundo fica no roçado. Então perguntei a diferença entre um balcão e um canteiro.

Uma informante explicou dessa forma:

M.B. "Canteiro, a gente faz no chão, o balcão não, a gente tem que colocar quatro forquilhas, depois umas varas. Eu planto em balcão porque é pra livrar dos bichos, das galinhas." (LB, casada, 39 anos).

A maioria das famílias *do Ligeiro de Baixo* possui canteiro e plantam somente coentro e cebola, em raros casos, plantam alface. Os canteiros ficam sob a responsabilidade das mulheres, e elas contam com a ajuda dos filhos.

M.J. "Só eu pois ajitei, plantei e agou todo dia e de vez em quando meus filhos ajudam." (LB, casada, 35 anos).

Outra informante disse que comprava tudo. Perguntei por que, e ela respondeu assim:

M.L. "Compro tudo na feira. Pois tem espaço pra fazer canteiro, mais ninguém faz. Porque a galinha cisca e acaba com eles. Ai a gente não vai comprar tudo caro e tudo dá trabalho pras galinhas destruir." (L.B, casada, 54 anos)

Os principais instrumentos de trabalho, no que diz respeito ao *Ligeiro de Baixo*, são, basicamente a enxada, a foíce e o machado. Enquanto, no *Ligeiro de Cima* e no *Belo Monte*, as unidades domésticas dispõem de outros instrumentos de trabalho, como o arado e além disso, por disporem de maiores quantidades de terras, podem contratar trabalhadores diaristas. As pessoas que são proprietárias de ambos, ou de apenas um deles, estão em melhor situação do que os que não os possuem, pois ficam dependendo daqueles meios para poderem botar seu roçado. Dessa forma, percebe-se que a agricultura praticada nessa localidade se destina ao consumo da unidade doméstica e, nem sempre é suficiente.

De acordo com a classificação apontada por Eric Wolf, o tipo de agricultura praticada no *Ligeiro de Baixo*, como de resto, na maior parte do Brasil, é de sistema de pousio de longa duração.

"Os campos são limpos, ateando-se fogo à vegetação, grama, pequenos arbustos ou florestas, depois são plantados até que haja queda na produção e abandonados para readquirir sua fertilidade por certo período de tempo. Então outros terrenos são franqueados ao cultivo, sendo reocupados depois que o período de regeneração esteja superado." (Eric WOLF, 1970:38).

O feijão que a maioria das famílias plantam é o feijão macaça. Quando perguntamos por que somente esse tipo, argumentaram da seguinte forma:

M.F. "Todo mundo daqui só planta ele. Assim o outro a gente plantava, aí quando dá a gente arrancava e pronto acaba e o outro não enquanto chover dá e é melhor." (L.B, casada, 32 anos)

O feijão macaça é depositado nas covas logo no início do inverno que, na região corresponde, geralmente, aos meses de março ou abril. Durante a fase de crescimento, são realizadas as "*limpas*", ou seja, retirar o mato ou erva daninha que cresce junto às lavouras.

Sua colheita é feita, manualmente pelos membros da família, envolvendo as mulheres e os filhos. Quando o feijão ainda está verde, é comum, na região, as famílias o consumirem. E, quando as vagens estão maduras, é realizada a colheita. Nessa fase o feijão é depositado no terreiro para secar, completamente, as vagens, facilitando a separação das sementes. Quando perguntamos se o vendiam, responderam assim:

M.B. "O que planta só dá prá comer. D. Guardam o feijão? M.B. A gente tem aqueles dois silos que Zé da Guia ganhou do governo Tarciso Burity." (LB, casada, 39 anos)

O milho é semeado logo nas primeiras chuvas. Planta-se nesse período para que se possa comê-lo nas festas juninas. Ele pode ser consumido ainda verde e, quando maduro, é destinado à alimentação dos bichos.

Durante a fase de plantio, as mulheres participam do processo produtivo, principalmente, na fase de semeadura. Quando o milho fica maduro, as mulheres também participam da colheita, que se concretiza na quebra da espiga.

Para armazenar a produção de milho, os membros da comunidade do Ligeiro utilizam a desbulhadeira da associação. E o armazenam nos silos. Raramente, o milho é vendido e, somente, nos casos de muita precisão é que o vendem.

- P. E o milho?

H. A gente come quando tá verde, tira um pouquinho pras galinhas e pros porcos. (LB, casada, 56 anos).

Para pouparem o milho para o consumo dos bichos, preferem comprar o xerém, a massa de fazer cuscuz. Explicam que, comprando, sai mais barato e não dá trabalho. Dessa forma, as atividades produtivas realizadas pelas mulheres no âmbito doméstico (horta, criação dos animais pequenos, como as galinhas, e a indústria doméstica), são importantes para a manutenção cotidiana da família. Sendo assim, apesar de que esses trabalhos em muitos momentos do ano, constituem a parte fundamental da atividade

agrícola, perdem seu caráter de trabalho, por ser realizado por mulheres e por não receberem nenhuma remuneração.

Para Pilar CAMPAÑA (1992:24):

"Isto se deve ao fato de que 'trabalho' se associa com trabalho remunerado ou com aquelas atividades que produzem bens que se destinam ao mercado. Como, em geral, estas situações da produção agropecuária se destinam fundamentalmente ao autoconsumo e se realizam em combinação com as tarefas domésticas, perdem o caráter de trabalho e passam a ser somente uma 'atividade'".

4.2 - Mulher e criação

No *Ligeiro de Baixo*, nem todas as famílias possuem gado e, quando o possuem, seu número é sempre reduzido, não ultrapassando a duas ou três cabeças. O mesmo não se pode dizer em relação ao *Ligeiro de Cima* e ao *Belo Monte*, entretanto, em algumas famílias que moram no *Ligeiro de Cima* observei que esse número se eleva, e criam também cabras e ovelhas.

A criação de gado se constitui numa reserva de que pode-se dispor numa hora de precisão. Consideram-se como de precisão situações que fogem ao cotidiano (Beatriz HEREDIA, 1979:100)

- P. E quando o dinheiro não dá?

R. *Compra fiado pro outro mês. Se apertar eu vendo um bicho, uma criação. É a qualquer momento que a gente vende. Criação é uma reserva. Esse negócio de quarto novo eu já não fiz porque o material aparece um negócio e o dinheiro não dá prá comprar o material. Mais se Deus quiser vou vender esses bezerros e umas criação e faço. (BM, casado, 58 anos)*

Para o informante, a criação é uma reserva de que pode se dispor nas horas de necessidade. Quando vai vender, prefere se dispor dos machos caso não tenha que recorrer às fêmeas mais velhas.

Outra informante disse que, com a venda das vacas, compraram uma camioneta para transportar os alunos.

E2. "Foi com o dinheiro das vacas que vendemo as coisas e o dinheiro botemo na poupança. Neste tempo, foi vinte conto de reis. A conta ficou lá, nunca deixemo sem nada e vai levantando de novo. Ai compremo a camioneta." (LC, casada, 57 anos).

A criação de gado pertence à esfera masculina, mas, dependendo da situação em que se encontra a unidade doméstica, todos participam nos cuidados com a alimentação dos animais. Entretanto, torna-se necessário frisar que a venda desses animais está sob a responsabilidade dos homens.

A criação do gado é tarefa exclusivamente masculina na comunidade do *Ligeiro*, enquanto a criação das aves, como galinhas, peru e galinha d'angola, pertence às mulheres, uma vez que são criadas às soltas no terreiro. Os animais enjeitados ficam sob os cuidados das mulheres. O tratamento dos porcos, teoricamente, é uma responsabilidade dos homens, mas quase todo o serviço, de rotina como alimentação, é feito pelas mulheres.

A mãe de família pode dispor dos animais que cria, com exceção dos porcos, que, pela sua importância econômica, passam a ser controlados pelo pai de família. Muito embora, seja a mulher quem cuida deles, quem lhes fornece o alimento, quem os ceva, quem cuida dos filhotes, enfim, quem tem todo o trabalho com o animal, o destino da produção, seja em relação à venda do porco em pé ou abatido é tarefa dos homens.

Em outros termos, quando esses animais estão no ponto de comercialização ou de abate, apesar de as mulheres participarem da criação, não podem comercializá-los, pois isso é com os homens.

- P. Quem cuida desses bichos?

M.F. As galinhas sou eu assim né como os cabritim enfeitados né aí quando os cabritim tá grande assim meu marido vende. Agora assim como porco mais as cabras quem cuida é meu marido. (LB, casada, 32 anos)

Diante dessas entrevistas, observa-se que cabe aos homens a tarefa de cuidar do gado e da criação de ovelhas e de cabras, enquanto as mulheres cuidam das galinha pois o espaço ocupado por essas aves é o terreiro, espaço ocupado pelas mulheres.

A criação das aves é uma atividade desenvolvida exclusivamente pelas mulheres e as crianças. Esse criatório pode ser destinado à subsistência da família ou pode servir como reserva para os períodos de estiagem. Nesse sentido, podem vender as galinhas ou os ovos. No entanto, durante a pesquisa, as informantes disseram que não estava compensando vender os ovos por que “estava barato”.

E2. “Os ovos custa dez centavos. desse preço não vendo não. É muito barato e aí a gente compra a carne cara. Ai eu disse se for possível comi ovo hem cedo, um no almoço e a noite a gente come com cuscuz com queijo.” (LC, casada, 57 anos).

Outro informante comentou a respeito do baixo preço dos ovos, disse que o lucro da venda dos ovos não compensa.

R. Ai a gente come e vende os ovos. Hoje mermo vende ovos não. Não tá compensando porque se for vender o lucro não paga o que ela comeu. (BM, casado, 58 anos)

O terreiro é um espaço que fica atrás da casa e, nele, as mulheres desenvolvem as suas atividades, como criar galinhas e confeccionar cerâmica. O cuidado com as galinhas

se resume em alimentá-las e aos cabritos enfeitados. Nesse sentido, o terreiro-quintal das moradias se constitui em um espaço altamente produtivo e gerador de renda, sendo que, nele, as mulheres desenvolvem sua atividade produtiva exclusiva¹³. A plantação de horta (balcão ou canteiro) e a criação de animais de pequeno porte como galinhas, perus nesses espaços, garantem, em certos momentos críticos, a alimentação e/ou uma renda extra mediante a venda dos respectivos produtos.

Todavia, verificamos que esse espaço é muito reduzido, vez que, na maioria das famílias, haviam plantado palma no terreiro. Quando perguntamos da utilidade da palma, uma senhora respondeu assim:

“Planto palma só numa parte aqui do lado do terreiro porque precisava para a ração do gado a outra parte eu utilizo pra criar uns bichim assim como galinhas, porcos umas cabras. Tudo serve, então a gente tem que aproveitar todo o espaço.” (LB, MB, casada, 39 anos).

Outra informante disse que era necessário plantar a palma forrageira porque, na época do verão a ração comercializada fica muito cara. Para essa informante, o terreiro, bem como o roçado, poderia ser tomado por essa plantação:

C. “... a coisa mais bem empregada que a gente faz é plantar palma em todos os cantos. Livrando um pedacim pra lavoura e pro quintal. Hoje mermo eu já tô deixando de plantar roçado de milho e feijão pra plantar palma. Porque a gente sente muita dificuldade quando a gente não tem palma.” (BM, casada, 52 anos).

Quando sobra um tempinho, as mulheres se dedicam às outras atividades como costurar. Nesse caso, conciliam trabalho na esfera pública, casa e costura.

- P. Que horas você costura?

¹³ Beatriz de HEREDIA (1979:46) expõe que: *“Se o lugar do homem é o roçado o lugar da mulher, mãe de família, é a casa... Esta por sua vez inclui o terreiro -quintal. E é ai que as mulheres desenvolvem grande parte de suas atividades, como a criação de animais. Mas este espaço quem fixa os limites do terreiro é o homem pai de família.”*

M. De tarde quando sobra um tempim eu faço as costurinhas. Quando é de noite, é só preparar aula e corrigir cadernos. (BM, casada, professora, 50 anos).

A principal vantagem dessas ocupações, do ponto de vista dessas mulheres, é que **"ajuda ganhar uns trocados"** e que irão complementar as despesas de casa. As mulheres que têm emprego fixo, como professoras, consideram seu trabalho importante, mas, ao mesmo tempo, consideram uma "ajuda", daí afirmarem, constantemente, que **"ganham pouco mais serve"**, **"ajuda em alguma coisa"**. Contudo, algumas afirmaram que esse trabalho é que mantém a casa, já que a renda do marido é baixa. Entretanto, torna-se necessário dizer que algumas mulheres do *Ligeiro de Baixo* a consideram a renda principal quando o marido está ausente ou doente. Nesse caso, assumem a posição de **"chefe de tudo"**.

Essa tendência a considerar certas atividades como **"preferíveis"** ou **"tipicamente femininas"**, decorre da sua posição definida pelo **"modelo tradicional de divisão sexual do trabalho"**. Esse modelo estipula que o trabalho remunerado é função do marido, cabendo à mulher a responsabilidade pelo trabalho doméstico e pelas crianças. (Eunice DURHAM, 1983).

De modo geral, as necessidades das mulheres se resumem à necessidade de **"ajudar a família"**. A primeira preocupação é com as **"coisas miúdas"**, ou seja, as despesas com os filhos - roupa, calçado, etc; e, em segundo lugar, a preocupação de poder auxiliar o marido na manutenção da casa. Algumas chegam a dizer, por exemplo, que o produto da roça ou, até mesmo, da aposentadoria do marido, não dá para manter a casa.

Através dos seus depoimentos, pode-se perceber que, embora afirmem que apenas **"ajudam"** os maridos, consideram o seu trabalho necessário para a sobrevivência da família que, sem ele, ficaria em péssimas condições.

4.3 - Mulher e a indústria doméstica

Para completar a renda da família, observei que as mulheres se dedicam à indústria doméstica. Nesse sentido, a indústria doméstica é algo de extrema importância para a reprodução das unidades domésticas.

Além dos afazeres do lar e da subsistência, a mulher participa, com o seu trabalho, para trazer dinheiro à família. Mais da metade das mulheres entrevistadas no *Ligeiro de Baixo* trabalham no roçado junto aos homens. Geralmente a mulher com mais de 60 anos não trabalha no roçado, mas trabalha na indústria doméstica.

M.Q. "Já trabalhei muito, agora não trabalho mais porque não posso. [...] Eu gosto mais do roçado. Eu sou mais doente nessa época de chuva porque não posso trabalhar no roçado. Agora só trabalho fazendo louça." (LB, casada, 68 anos).

Na minha análise, essa atividade será tratada como algo necessário para a garantia da reprodução social da unidade doméstica. A indústria doméstica é uma atividade que une a agricultura à indústria através de um saber que vai de geração em geração. Por ser um trabalho exercido exclusivamente por mulheres uma vez que são elas que detêm esse saber.

4.3.1 - Fabricação de queijos

No *Ligeiro de Baixo*, a indústria doméstica está representada pela cerâmica, enquanto no *Ligeiro de Cima* e no *Belo Monte*, está representada pela fabricação de queijo. Essa atividade se justifica pelo fato de, nessas localidades, as famílias criarem gado. Essa atividade de fabricar queijo de coalho segundo uma informante, vem de mãe para filha.

- P. *Você aprendeu a fazer queijos com quem?*

C. *Com a minha mãe. (BM, casada, 52 anos).*

Inquirida sobre o processo de fabricação, explicou dessa maneira:

C. *“Pego o leite assim que chega do curral que ainda vem quente do peito da vaca, cou boto numa vasilha e passo no pano pra cuá ai boto duas medidazinha do coalho liquido e com menos de 15 minutos, tá coalhado. Ai (mexo a coalhada bem mexida ai vou escorrendo ai vai saindo aquele soro. Ai quando escorre a coalhada eu boto no xinxo. Ai espremo bem espremido. Até sair o soro todo, a coalhada tá bem lisinha. Ai o queijo tá pronto. Boto sal de um lado e de outro.” (casada, 52 anos).*

A fabricação do queijo é uma atividade acessória e garante à unidade doméstica um dinheiro extra para as compras. Ou seja, com o dinheiro arrecadado da comercialização, as mulheres, ou compram alguma coisa para dentro de casa ou reverte tudo na feira.

Na época da pesquisa, as mulheres dessas comunidades disseram que preferem fazer o queijo a vender o leite, pois este estava com preço baixo:

C. *“O leite agora pra vender pa eles fazer o queijo pra fábrica só pode vender por vinte centavos. Agora a gente fazendo o queijo e se for vender no consumo é quatro real, três e três e cinquenta se for prá vender. Eu tô achando melhor fazer o queijo. Nem tô fazendo o queijo do leite todo porque a gente não tem a freguesia toda certa. Eu só faço duma parte do leite o queijo, a outra eu vendo.” (BM, casada, 52 anos).*

Com base nas informações colhidas, pode-se perceber que a tarefa de fazer o queijo pertence às mulheres, bem como a sua comercialização. Todavia, na comunidade, existe uma fábrica de queijo. Nessa fábrica, quem faz o queijo é o homem. Nesse caso, a mulher apenas ajuda o marido, ficando explícito que, quando se refere à produção destinada ao consumo e à pequena comercialização pertence às mulheres, mas, quando a produção é destinada à comercialização em maior escala, pertence ao homem.

4.3.2 - A cerâmica

Geralmente, na frente das casas do *Ligeiro de Baixo*, há um forno de queimar a cerâmica. Essa atividade, nessa comunidade, assegura a manutenção da unidade doméstica, principalmente, no verão quando o marido deixa de trabalhar alugado. Embora, de maneira bastante restrita, as mulheres participam diretamente no comércio, através da venda da cerâmica. Uma mulher pode fazer até seis panelas por dia, enquanto um pote pode até demorar dois dias. Cada panela é vendida por R\$ 1.00 (um real) a R\$ 1.50 (um real e cinquenta centavos). Entretanto, afirmam que não podem contar com esse dinheiro para comprar coisas pessoais pois dele depende a feira semanal.

Uma informante afirmou que a venda das panelas permite comprar tudo para casa, desde a roupa até a alimentação. Outra assegurou que a venda da louça é necessária para complementar a renda do marido.

Pode-se perceber que, apesar de afirmarem que não gostam de fazer louça, é essa atividade que assegura a sua participação na reprodução da unidade doméstica. Através das entrevistas, observa-se que a comercialização da cerâmica é realizada pelas mulheres. No sábado, as mulheres levam toda a produção para a feira de *Serra Branca*. O dinheiro arrecadado da venda da cerâmica é revertido na compra de produtos comercializados, como o café, o açúcar, o fubá de milho e os produtos de limpeza.

Na maioria das entrevistas, as mulheres afirmaram que, desde pequenas, aprenderam a fazer louça com a mãe. Mas só foram fabricar para vender depois de casadas. Então perguntei:

- P. Por que a senhora começou a fazer panelas de barro pra vender?

M.F. Porque o roçado era pequeno e as coisas apertaram. Aí eu tive que fazer panelas pra vender. Aí eu tive que ajudar meu

marido. Por isso eu lhe digo uma coisa só faço as panelas de barro por precisão. (LB, casada, 32 anos).

Através da entrevista acima, nota-se que a restrição da terra e o conseqüente assalariamento do marido provocam, uma modificação na economia familiar, uma vez que as mulheres têm que trabalhar em atividades extras.

Quando indaguei se alguém as ajudava na fabricação da louça, responderam que somente as filhas ajudavam a amassar o barro, a pegar a água. A participação dos homens limita-se, apenas, a apanhar a lenha. Até a queima da louça é tarefa executada pelas mulheres.

De certa maneira, percebi que muitas delas confeccionam a louça por necessidade. E que preferem o trabalho no roçado.

M.F. “Eu gosto mais do roçado porque ele dá mais o lucro de panela é muito pouco. Aí quando tá no inverno é melhor o trabalho no roçado.” (LB, casada, 32 anos).

Argumentam que fazer louça é muito trabalhoso, e o lucro é muito pouco. Além de confeccionarem, têm que levar a produção para vender na feira de *Serra Branca*.

Durante a pesquisa, foi possível observar, nas casas, que a sala de visita é o depósito das cerâmicas. Por isso, vi nesse ambiente, várias panelas, potes, tigelas para doce, para torrar café e fogareiro.

Nas entrevistas, perguntei sobre o processo de fabricação desses produtos. Explicaram que aprenderam a fazer a cerâmica com a mãe, e esse saber estão passando para as filhas.

M.Q. “A minha mãe já aprendeu com a mãe dela. A mãe dela já aprendeu com a avó dela. É uma tradição de louceira. A minha bisavó era de Belo Jardim-Pernambuco.” (LB, casada, 68 anos).

Outra respondeu que o aprendizado se deu por volta dos 7 anos:

“Comecei a fazer panelas desde da idade de 7 anos. A minha mãe ia fazer loiça essas coisas e eu ia junto pra ajudar e tou fazendo até hoje.” (LB, H, casada, 56 anos).

Inquirida sobre o processo de trabalho, respondeu assim:

“Pega o barro que tem que ser de loiça, amassa com água, faz o que quer e depois alisa com o catembe e depois queima no forno. Agora pra queimar é com lenha bastante lenha pra clarear. Um pote demora dois dias porque a gente faz até a metade depois passa o catembe.

-P. O que é catembe?

M.F. É uma cuinha sabe. A gente pega aquela cuia e corta e arredonda ela prá ficar lisinha num sabe. Esse catembe de cuia a gente passa por dentro do pote e a palheta por fora.

-P. Depois de passar o catembe, o que faz?

M.F. Vai fazendo aos pouco num sabe porque ele é pesado e por fora vai passando a palheta. Por isso, demora tanto porque ele é pesado tem que fazer aos poucos. Depois de feito e queimado, a gente pinta.” (LB, casada, 32 anos)

Com relação à pintura responderam da seguinte forma:

-P. A senhora apreendeu a pintar com quem?

M.Q. Com minha mãe. Ela sempre pintava aí eu aprendi.

-P. Que tinta é essa?

M.Q. Não é tinta não. É um barro chamado giz que vem lá de Pernambuco. É o meu sobrinho que traz lá de Caruaru.

-P. O que significa essa pintura?

M.Q. Eu sei não. Eu aprendi desse mermo jeito com a minha mãe. (LB, casada, 68 anos)

Sobre a qualidade do barro, ela forneceu a seguinte explicação:

“Eu merma ou minha filha vai apanhar o barro aqui perto, logo ali. O barro é preto e grudento tem aquela ligazinha, aí faz o que quer e ele fica bem lisinho e é só queimar.” (LB, H, casada, 56 anos)

Sobre o preço dos produtos, afirmaram que varia. Uma panela custa R\$ 1,00 (um real) ou R\$ 1,50 (um real e centavos). O pote varia de R\$ 5,00 (cinco reais) até R\$ 15,00 (quinze reais). Todavia, afirmaram que, no período de chuvas, a venda é pouca.

- P. Vende bem a louça?

M.Q. Tem vez que sim outra não. Depende da feira.” (LB, casada, 68 anos)

Ainda, sobre a venda dos produtos, perguntei se tinham freguesia certa. Algumas responderam que sim e somente uma disse que não e explicou:

- P. Mas a senhora tem uma freguesia certa?

M.J. Não tenho não. A minha freguesia é quem Deus ajuda que dá vontade de comprar uma panela(LB, casada, 35 anos)

A venda dos produtos é realizada, exclusivamente, por mulheres. ***Eu merma levo as panelas pra vender na feira de Serra Branca, eu ou minha filha.***

O dinheiro obtido da comercialização é todo aplicado na manutenção da casa.

- P.O que a senhora faz com o dinheiro da venda das panelas?

M.J. Eu compro tudo, da roupa, alimentação, calçados e remédios. Tudo o que precisar de dentro de casa. A gente vive disso. Por que o dinheiro do marido é pouco mal dá pra comprar o feijão. Ai tenho que ajudar com as minhas panelas que faço.(LB, casada, 35 anos)

Quando perguntei se gostavam de fazer louça, a maioria afirmou que não e que só faziam por precisão.

- P. Você gosta de fazer louça?

M.J. Não. Eu não gosto não . Faço por precisão. Se eu tivesse outro modo, outro mei de vida eu não fazia não. É muito trabalhoso e a gente ganha pouco né. Principalmente com esse real. Dinheiro já tive mais na minha mão agora não. Tudo sobe e a gente não pode vender caro se não o pessoal não compra. (LB, casada, 35 anos)

Outra respondeu assim:

"Eu gostaria de deixar de fazer panelas. Mais aí é como eu lhe digo o meu salário não dá. Não posso deixar de fazer porque o meu filho e minha filha depende disso [...] Porque os ganhos da gente é pouco só o roçado não dá né, e dinheiro de aposentado é pouco." (LB, MQ, casada, 68 anos).

Como participam das tarefas do roçado, nas tarefas de casa, então perguntei em que horário elas faziam as louças. Responderam que faziam *"a qualquer hora, mais no inverno agora mermo é à noite. Vou dormir lá pelas dez horas da noite"*. (MF, casada, 32 anos).

Mas quando perguntei qual dos dois elas preferia, fazer, algumas disseram que preferiam o roçado porque proporciona mais lucros. Enquanto o trabalho na cerâmica é mais demorado, e o lucro é muito pouco.

Entretanto, somente uma respondeu que preferia fazer as louças. Porque, nesse trabalho, pegava em dinheiro enquanto, no roçado, tudo é para o consumo da casa.

"Eu gosto mais de fazer panelas porque eu pego em dinheiro e, no roçado fica tudo pra casa. O dinheiro das panelas é pouco, mais eu pego em dinheiro e, no roçado, a gente trabalha e o lucro é pouco e não dá pra vender é só pra casa mermo." (MF, casada, 32 anos)

Através da entrevista, observei que a maioria dos homens colaboram esporadicamente na fabricação da louça (cerâmica). Quando participam, restringem-se a apanhar a lenha e a água, quando é verão, e a queimar as louças (cerâmica). Porque se for no inverno, são as mulheres que apanham a lenha. Quando perguntei por que os maridos não participavam com mais frequência na fabricação das louças, uma informante disse que: *"meu marido trabalha muito. ele tem que trabalhar pra feira e pra roçado, ele não tem tempo, passa o dia todo trabalhando"* (MF, casada, 32 anos)

Com base no depoimento, deu para perceber que as mulheres vêem, com naturalidade a participação apenas esporádica dos homens nessa atividade, considerando, inclusive, que "**ele trabalha muito**" pois tem que trabalhar para a feira. Quando o marido participa, de alguma forma, na confecção das louças, a mulher se encarrega de valorizá-lo, dando um valor superior ao mesmo serviço que ela realiza. A divisão igualitária das tarefas de casa inexistente, ficando a mulher encarregada das jornadas de trabalho na casa, no roçado e na indústria doméstica. A colaboração do marido tem sempre a característica de ajuda, e é sempre esporádica.

Capítulo V
CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo de mulheres entrevistadas na comunidade do Ligeiro, em diversos aspectos do cotidiano, apresentou-se com alto grau de homogeneidade.

De tudo que foi visto, chamo atenção para alguns pontos que me parecem relevantes:

A condição feminina dos indivíduos parece constituir-se num critério definidor relevante na distribuição e no controle do trabalho dentro da unidade doméstica. A mulher suporta, dentro dessas unidades, o peso dos diversos trabalhos. Ou seja, o trabalho que excede beneficia diretamente a própria unidade e se constitui numa gama variada de tarefas que se interpenetram e se sobrepõem.

Quanto ao trabalho doméstico, continua sendo percebido como um dever da mulher e, nesse sentido, torna-o menos valorizado quando comparado ao trabalho no roçado. Isso é compreensível, pois o trabalho doméstico, na sociedade capitalista, destina-se apenas à unidade doméstica, enquanto o trabalho, no roçado, traduz-se na produção de determinados produtos que podem ser comercializados e, dessa forma, garante a sobrevivência da unidade doméstica.

As mulheres, através de suas falas não reconhecem o seu trabalho e o caracterizam como ajuda. Entretanto, em sua prática, reconhecem que trabalham muito,

pois, durante o dia, em virtude de serem responsáveis pela casa e pelos filhos essa responsabilidade consome muito tempo, pois, raramente, contam com o apoio do marido. Além dessa responsabilidade, acresce o seu trabalho no roçado e a atenção que têm que dar ao marido quando ele se encontra em casa.

A socialização dos filhos está a cargo da mulher. Os filhos, a partir de sete anos de idade, são orientados para ajudarem os pais, e as filhas as mães. Nas casas onde há filhas dessa idade, são elas as responsáveis pelo trabalho doméstico, liberando, assim, a mãe para o trabalho no roçado.

As mulheres, cuja unidade doméstica não possua a quantidade de terras necessária para a sobrevivência da família, são obrigadas a trabalhar com mais intensidade no roçado, uma vez seu marido se libera dessa atividade e aluga a sua força de trabalho.

Além dos afazeres domésticos, da participação nos trabalhos no roçado as mulheres ainda trabalham com a cerâmica, ou fabricam queijos. Essas atividades garantem a sobrevivência de algumas famílias, principalmente, na época do verão. A comercialização desses produtos é realizada pelas mulheres, e o dinheiro obtido com a venda é todo revertido na manutenção da casa. Cabe ressaltar que a participação dos homens é esporádica, pois reconhecem que esse tipo de atividade não é obrigatória e, além disso frisam que os maridos trabalham muito.

As mulheres, dessa forma, participam no espaço público, pois, muitas delas fazem a feira, comercializam sozinhas o queijo ou a cerâmica. Esse fato demonstra que as mulheres participam das questões econômicas do mercado, sendo que esse tipo de atividade estava tradicionalmente relacionado ao papel de homem.

E, dessa forma forma, as mulheres começam a se afastar da visão tradicional de mulher que não ingressava nos espaços públicos. Apesar dessas mudanças, o homem

continua sendo o responsável para tomar decisões, sendo visto como autoridade máxima da família.

Os resultados obtidos mostram que, apesar da participação efetiva das mulheres na manutenção da unidade doméstica na esfera pública e na esfera privada, elas não foram capazes de mudar as suas representações sobre a sua participação nas atividades desempenhadas na unidade doméstica.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Clara. **Mulher, Trabalho no Brasil**. In: *Presença da mulher*, Vitória, nº 15, ano V, p.3-8, abril/junho.1991.

ÁVILA NETO, Maria Inácia D'. **O Autoritarismo e a Mulher: O jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. Rio de Janeiro: Artes & Contos, 1994.

BENERIA, Lourdes. **Reproducción, Producción y División Sexual del Trabajo**. In: *Cuadernos Agrários*, Ixtapalapa:UAM, nº 9, ano IV, p.3-30, set. 1979.

BENERIA, Lourdes e ROLDAN, Martha. **Las encrucijadas de clase y gênero: Trabajo a domicilio, subcontratación y dinámica de la unidad doméstica en la ciudad de México**. 1ªed. México: Fondo de cultura econômica/Economia Latino Americana, 1992, p.49-77: Los vínculos de la subcontratación y la dinámica del empleo de la mujer.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. 12ªed. Petrópolis: Vozes, 1995. 247p.

BOEGE, Eckart. **Mujeres, Comunidad Campesina y Estado**. In: *Cuadernos agrários*, Ixtapalapa: UAM, nº 9, ano IV, p.89-103, set.1979.

BOSI, Ecléa. **Entre a opinião e o Estereótipo**. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 32, p.111-118, Mar. 1992.

BRUSCHINI, Cristina. **O Trabalho da Mulher no Brasil: Tendências Recentes.** In: SAFFIOTTI, Heleieth e MUÑOZ-VARGAS, Mônica (org) *Mulher Brasileira é Assim.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. p.63-93.

A Trabalhadora Brasileira na Década de 80: Algumas questões teóricas e metodológicas. In: IV Congresso Nacional de Sociologia, São Paulo: Agosto/1986. p.18-31.

CAMPAÑA Pilar **El contenido de genero en la investigación en sistemas de producción.** Chile: Serie Materiales Docentes, 1992. p.23-85.

CARNEIRO, Ma. José. **Ajuda e trabalho: a subordinação da mulher no campo.** In: ANPOCS, 1981. apud, CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lenas. *Do Feminino ao Gênero: a Construção de um objeto.* In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero.* Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1992. p.216-245.

CASTAN, Nicole. **O público e o particular.** In: *História da vida privada: Da renascença ao século das luzes.* ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991. V.3, p.413-453.

CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lenas. **Do Feminino ao Gênero: A construção de um objeto.** In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina.(org.). *Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1992. p.216-245.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da Cultura Popular no Brasil.** 5ª ed. São Paulo: brasiliense, 1993. 123-145p. _

CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina.**

Buenos Aires: Nueva Vision, 1985. 342p.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Teoria e método dos estudos feministas: Perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano.** In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p.39-53.

DUBY, George. **História da vida privada.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUQUÉ, Ghislaine. **Reprodução Social dos Camponeses no Semi-árido, comunidade da Serrinha (Cariri Paraibano): Lógicas e estratégias.** In: 2ª Reunão de Antropólogos do Norte/Norderte, Recife: UFPE, 1991. p.551-565.

_____. (coord.) **Petits producteurs du Cariri Face au Secheresses: Logique Sociale, Rationalite Ecologique.** Trad. Ghislaine Duqué. 1987. 30p. (Relatório).

DURHAM, Eunice. **A família e a mulher.** Cadernos CERU, nº18, maio, 1983.

_____. **Família e reprodução humana.** In: PERSPECTIVAS Antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.3, p.13-44. apud. HEILBORN, Maria Luiza. Mulher e políticas públicas. Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991. p.23-37.

FRANÇA, Júnia Lessa., et.al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas.** 2ª ed. (rev. e aum.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

GILL, Lorena Almeida e BUSSOLETI, Denise. **Mulheres em estudo: um movimento outro um outro movimento.** In: História em Revista, Pelotas, nº1, p.39-46, set. 1994.

GINZBURG, Carlo e PONI, Carlo. **La micro-historie**. Le Debat. Tradução Jacques Le Goff. 1981.p.113-136. apud. LE GOFF, Jacques.(org.) A história nova. 2ª ed. São Paulo.Martins Fontes, 1993.p.15-24.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**.3ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.233p.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.163p.

HEILBORN, Maria Luiza. **Mulher e Políticas Públicas**. Rio de Janeiro: IBAM/UNICEF, 1991.p.23-37.

_____. **Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil**. In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. (org.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro:Rosa dos Tempos, 1992, p.93-126.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.121p.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 162p.

ISSAEW, B. **La masculinización de la mujer**. 1ªed. Argentina: Editorial Now, Compendios Nueva de Iniciación Cultural,1984,p.103-171: La comunidad cristiana, la ciudad medieval y las corporaciones.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. 5º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989,p. 59-79.

- LANE, Sílvia T. M. **Linguagem, pensamento e representações sociais**. In: CODO, Wanderley e LANE, Sílvia T. M.(org.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 11ª edição. São Paulo: brasiliense, 1993.p. 32-40.
- LE GOFF, J. (org). *A História Nova*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p.15-24: **Uma ciência em marcha, uma ciência na infância**
- LE GOFF, Jacques.et alli. **História e Nova História**. Lisboa, Teorema, 1986,p.73-82.
- LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Ática, 1991.216p.
- LOBO, Elisabeth Sousa. **O Trabalho como Linguagem: O gênero do trabalho**. In: OLIVEIRA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. (org.) *Uma questão de gênero* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.p.252-265
- _____. **A Classe Operária Tem Dois Sexos**. São Paulo: brasiliense, 1992.285p.
- LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Anti-prendas: uma escola de mulher**. Porto Alegre: Ed. da Universidade da UFRGS, 1987. 103 p.
- LUDKE, Menga e André, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p.
- LUZ, Madel T. **"O lar e a maternidade: instituições políticas"**. In: LUZ, Madel T. (org). *O lugar da Mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.11-13.(Coleção Tendências, v.1; nº1)

MALRIEU, P. Language y Representation in la Génesys del language, su aprendizage y Desarrollo. (Simpósio da Associação de Psicologia Científica Francesa, Madri, Pablo del Rio Editor, 1978. apud. LANE, Silvia T. M. Linguagem, pensamento e representações sociais. In: CODO, Wanderley e LANE, Silvia T.M. (org.) Psicologia Social: O homem em movimento. 11ª ed. São Paulo: brasiliense; 1993. Parte 2, p.32-39.

MASSI, Mariana. Vida de mulheres: cotidiano e imaginário. Rio de Janeiro: Imago, 1992. 228p.

MEDRANO, Diana. Mujer y modernización agropecuaria: balance, perspectivas y estrategias. Programa III: Organización y administración para el desarrollo rural. 1ª ed. San José - Costa Rica: Série de Eventos Técnicos, 1991.p.11-69.Fortalecimiento de la participación de la mujer rural en el proceso de reactivación y desarrollo agropecuario en América Latina y el Caribe.

 **MEILLASSOUX, C. Mujeres, graneros y capitales.** México: Siglo Veintino editores. 1978.p.54-77.La reproducción doméstica..

MONTECINO, Sonia. Proposición de Paradigma para La Compreension de Género en América Latina. In: Revista Mujer/Fempres.Chile: nº127,p.19-20, mai.1992.

MONTENEGRO, Ana. Ser ou não ser feminista. Recife: Ed. Guararapes Ltda., 1981.

MORIN, Edgard. Ciência com Consciência.Portugal: Publicações Europa-América, 1982, 255p.

_____ **Science avec conscience.** Trad.Manoel Malagutti.Paris:Fayard, 1990.

- MOSER, Caroline. **la planificación de genero en el tercer mundo: enfrentando las necesidades practicas y estrategicas de genero.** In:GUZMAN, Virginia; CARRERO,Patricia e VARGAS, Virgia.(Comp.).Una nueva lectura: genero en el desarrollo.Lima: Flora Iristán Ediciones,1991,p.55-113.
- NOGUEIRA, Oracy. **O Objeto das Ciências Humanas.** In: HIRANO, Sedi(Org.) ; Pesquisa Social: Projeto e Planejamento. 2ªed. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor 1988, p. 1-20 .
- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da Diferença - o feminino emergente.** 3ªed. São Paulo: brasiliense,1993. 150p.
- OLIVERA, Mercedes. **Sobre la Explatación y apresión de los Mujeres Acasilladas in Chiapos.** In: Cuadernos Agrários. Ixtapalapa: UAM, nº 9, ano IV, p.43-56, set.1979
- PAOLI, Maria Célia. **As Ciências Sociais, os Movimentos Sociais e a questão do Gênero.** In Novos Estudos(CEBRAP).São Paulo:nº 31, p.107-120, out.1991.
- PEDRO, Joana Maria. **Relações de gênero na pesquisa histórica.** In: Revista Catarinense de História. Santa Catarina: ed. Terceiro Milênio, nº2, p.35-43, 1994.
- PÊNIN, Sonia. **Cotidiano e escola: A obra em Construção.** São Paulo: Cortez, 1989. 165p.
- PRADO, Danda. **Ser esposa: a mais antiga profissão.** São Paulo: brasiliense, 1979.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar.** 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209p.

RONCIERE, Charles de la. **A vida privada dos notáveis toscanos no limiar da renascença.** In: Ariès, Philippe e DUBY, Georges (org.). História da vida privada: da Europa feudal à Renascença. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, v.2, p. 164-208.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do vinho: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital.** São Paulo: Hucitec, 1978. 179p.

↗ SHANIN, Theodor. **Naturaleza y lógica de la economia campesina.** Barcelona: Ed. Anagrama, 1976.

SORJ, Bila. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade.** In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 15-23.

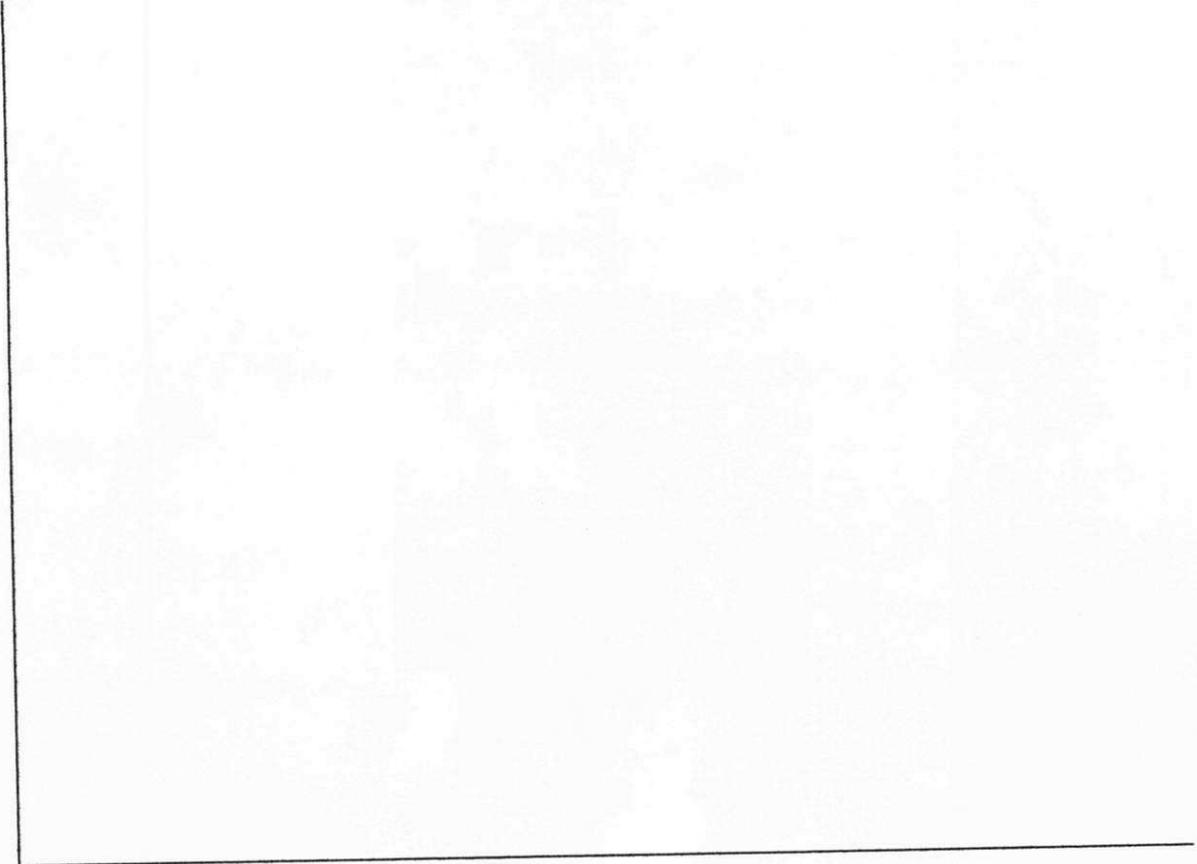
↘ SUÁREZ, Mireya e LIBARDONI, Marlene. **Mulheres e desenvolvimento agrícola no Brasil: uma perspectiva de gênero.** São Paulo: Publicações Miscelâneas, 1992, p. 1-93.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - Biblioteca Central. Normas para apresentação de trabalhos. Parte 7. Citações e notas de rodapé, 4ª ed. Curitiba: ed. UFPR, 1994.

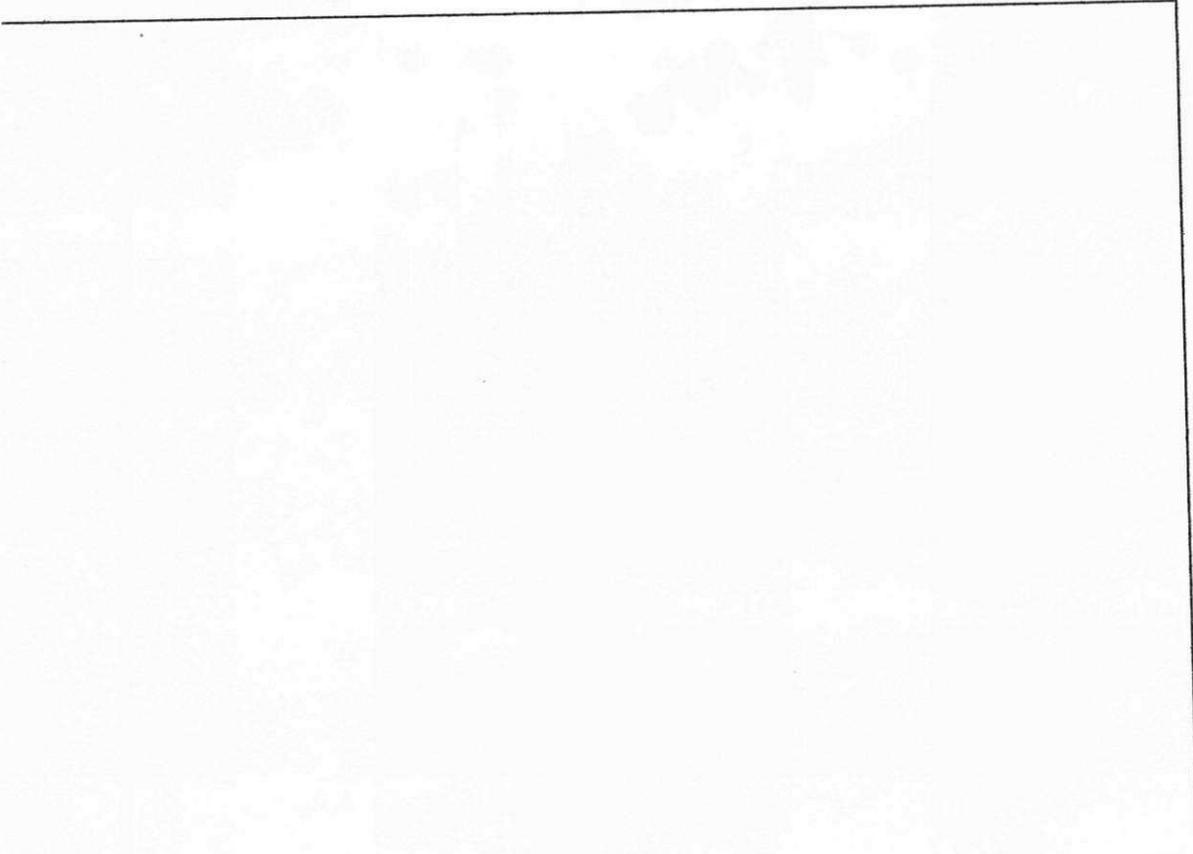
VIEZZER, Moema. **O problema não está na mulher.** São Paulo: Cortez, 1989, 173p.

WOLF, Eric. **Sociedades camponesas.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WOOTERMAN, Klass. **O domínio doméstico: Um terreiro onde galo não canta.** In: A família das mulheres. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987. p. 58-106.



ANEXOS

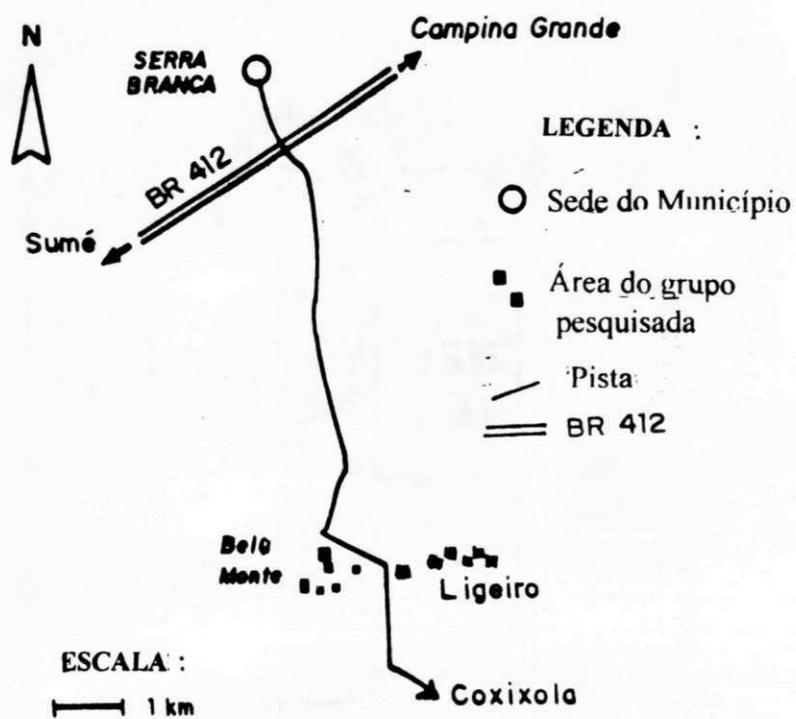


ANEXO 1 - Localização da região do Cariri e das suas principais cidades



Fonte: DUQUÉ, Ghislaine (1987)

ANEXO 2 - Localização do Ligeiro no Município de Serra Branca



Fonte: DUQUÉ, Ghislaine (1987)